

O DIABO DO RIO

PATRICIA BRIGGS

Tradução de Manuel Alberto Vieira

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*Para Derek, Michelle, Jodi, Kari, Elaine e Megan
— finalmente vos dedico um livro.
E para Laura e Genevieve — sejam bem-vindas à família.*

AGRADECIMENTOS

Se este livro for aprazível, isso deve-se, em grande parte, às pessoas que me ajudaram a compô-lo. Sem obedecer a nenhuma ordem específica, este livro deve muito às seguintes pessoas: Michael Briggs — ok, ele surge em primeiro lugar por ser o meu marido; Ginny Mohl, médica e doutorada, para além de minha irmã, que de bom grado responde a perguntas sobre tudo quanto seja sangrento e doloroso; Anne Sowards, que não resmunga quando entro em contacto com ela a horas impróprias e é uma enorme ajuda no processo de tornar cada livro o melhor possível; Jody Heath, intrépida guia e voluntária no Columbia Hills State Park; e, por último, mas não menos importante, as mulheres muito simpáticas que me ajudaram a propósito do local de trabalho de Samuel em *Segredo de Prata*: Crystal Kalmbach e Danielle Hernandez.







Sob o brilho intenso dos postes de iluminação pública, percebia que a relva no jardim da frente da casa de Stefan amarelecera, ressequida pelo intenso calor do verão. Tinha sido cortada, mas apenas com o propósito de ser nivelada, não de ficar esteticamente agradável. A julgar pelos restos de erva morta no jardim, o relvado teria crescido ao ponto de a Câmara exigir que fosse cortado. A erva que restava estava tão seca que quem quer que a tivesse cortado não teria de voltar a fazê-lo a menos que alguém começasse a regá-la.

Aproximei o *Rabbit* da beira do passeio e estacionei. Na última ocasião em que vira a casa de Stefan, ela enquadrava-se perfeitamente no seu bairro chique. O desleixo do jardim ainda não se propagara ao exterior da casa, mas as pessoas no seu interior preocupavam-me.

Stefan era resiliente, inteligente, e... era Stefan, simplesmente — capaz de falar de Pokémon com rapazes surdos em linguagem gestual, de derrotar vilões temíveis enquanto estava preso no interior de uma jaula, e em seguida partir na sua *Kombi*, pronto para defrontar tipos maus quando fosse necessário. Ele era como o super-homem, mas com presas e uma moral invulgarmente escassa.

Saí do carro e atravessei o passeio em direção ao alpendre frontal. No caminho de entrada, Scooby-Doo observava-me ansiosamente através de uma camada de pó nas janelas da carrinha habitualmente imaculada de Stefan. Tinha oferecido a Stefan o enorme cão de peluche para combinar com a pintura que replicava a Máquina Mistério.

Não tinha notícias de Stefan há meses. Na verdade, desde o Natal. Estivera envolvida numa série de coisas, e ter sido raptada por um dia (que

para todas as outras pessoas se traduziu num mês, porque aparentemente as rainhas das fadas têm a capacidade de fazer isso) fora apenas parte dessa série de coisas. No entanto, durante o último mês, telefonara-lhe uma vez por semana e todos os telefonemas haviam sido encaminhados para o atendedor de chamadas. A noite passada telefonara-lhe quatro vezes para o convidar para uma Sessão de Cinema Foleiro. Faltava uma pessoa porque Adam — meu companheiro, noivo, e Alfa do Bando da Bacia do Columbia — se ausentara da cidade em negócios.

Adam era proprietário de uma firma de segurança que, até recentemente, trabalhara sobretudo com entidades governamentais. No entanto, desde que os lobisomens — e Adam — tinham dado a conhecer ao público a sua identidade, o seu negócio começara a prosperar noutras frentes. Aparentemente, os lobisomens eram vistos como profissionais da segurança muito competentes. Andava fortemente empenhado na procura de alguém a quem pudesse delegar a responsabilidade pelas viagens, mas até ao momento não tinha encontrado a pessoa certa.

Estando Adam ausente, podia dar mais atenção às outras pessoas que faziam parte da minha vida. Chegara à conclusão de que Stefan tivera tempo suficiente para lamber as feridas, mas a julgar pelo que me era dado a ver, vinha com alguns meses de atraso.

Bati à porta e, não obtendo resposta, recorri ao velho ritmo das sete pancadas sincopadas. Já tinha começado a desferir golpes violentos quando a tranca finalmente produziu um estalido e a porta foi aberta.

Demorei algum tempo a reconhecer Rachel. Da última vez que a tinha visto, parecia um ícone das desencantadas adolescentes góticas ou das adolescentes que fugiam de casa. Agora parecia uma viciada em *crack*. Teria perdido cerca de quinze quilos para lá do razoável. Sobre os ombros caía-lhe o cabelo fraco, oleoso e despenteado. Borrões de rímel estendiam-se pelas suas faces, manchas desbotadas que teriam feito jus a um figurante do *A Noite dos Mortos-Vivos*. Tinha nódoas negras no pescoço e abraçava-se como se os ossos lhe doessem. Fiz por não dar a entender que me dera conta de que lhe faltavam os últimos dois dedos da mão direita. A mão fora tratada, mas as cicatrizes ainda estavam vermelhas e inflamadas.

Marsília, a Senhora dos vampiros de Tri-Cidades, usara Stefan, o seu fiel cavaleiro, para expulsar traidores do seu ninho, e parte disso traduzira-se em roubar-lhe o rebanho — os humanos que mantinha para deles se alimentar — e levá-lo a pensar que os seus elementos estavam mortos ao quebrar os vínculos de sangue que tinha com eles. Aparentemente, entendera que torturá-los também havia sido necessário. No entanto — excluindo Stefan —, não confio na verdade dos vampiros. Não passava pela cabeça de Marsília que Stefan viesse a objetar o uso que fizera dele e do seu

rebanho quando descobriu que o intuito das ações dela era proteger-se a si mesma. Afinal de contas, ele era o seu leal Soldado. Tinha-se equivocado em relação ao modo como Stefan lidaria com a sua traição. Pelo que me era dado a ver, não estava a recuperar bem.

— É melhor pôr-se a andar daqui, Mercy — disse-me Rachel apaticamente. — Não é seguro.

Segurei a porta antes que ela conseguisse fechá-la.

— O Stefan está em casa?

Inspirou de forma irregular.

— Ele não vai servir de ajuda.

Pelo menos não parecia que Stefan fosse o perigo em relação ao qual me avisara. Tinha virado a cabeça na altura em que a impedira de fechar a porta, e reparei que alguém lhe tinha cravado os dentes no pescoço. Dentes humanos, pensei, não presas, porém as crostas trepavam à parte lateral do tendão entre a clavícula e o maxilar num relevo brutal.

Empurrei a porta com o ombro e entrei para estender a mão e tocar nas crostas, e Rachel retraiu-se e recuou, afastando-se da porta e de mim.

— Quem é que fez isto? — perguntei. Era impossível acreditar que Stefan pudesse permitir que mais alguém a magoasse daquela forma. — Um dos vampiros da Marsília?

Abanou a cabeça.

— O Ford.

Por momentos não percebi a quem se referia. Depois lembrei-me do homem grande que me indicara o caminho até ao exterior da casa de Stefan na última ocasião em que lá tinha estado. Meio transformado em vampiro e um tanto louco — e isso fora antes de Marsília lhe ter deitado as garras. Um tipo deveras sinistro e assustador — e tinha para mim que ele já era assustador antes de ter posto pela primeira vez os olhos num vampiro.

— Onde é que está o Stefan?

Tenho muito pouca tolerância para o drama que acaba com pessoas magoadas. Era a função de Stefan olhar pelos seus, independentemente de, para a maior parte dos vampiros, os seus rebanhos existirem como refeições convenientes, e de todas as pessoas sob o seu controlo experimentarem mortes lentas e terríveis por um período que pode durar até seis meses.

Stefan não era assim. Sabia que Naomi, a governanta da casa, estava com ele há trinta anos ou mais. Stefan era cuidadoso. Esforçara-se por provar que era possível viver sem matar. No entanto, a julgar pelo aspeto de Rachel, já não se estava a esforçar muito.

— Não pode entrar — retorquiu. — Tem de se ir embora. Não podemos incomodá-lo, e o Ford...

O chão da entrada estava nojento, e o meu olfato detetou corpos suados, mofo e o odor amargo do velho medo. Ao meu olfato apurado de coiole, toda a casa cheirava a um monte de lixo. Provavelmente também ao olfato de um humano normal cheiraria a um monte de lixo.

— Eu vou incomodá-lo, está bem? — disse-lhe em tom ameaçador. Era óbvio que alguém tinha de o fazer. — Onde é que ele está?

Quando se tornou evidente que ela não podia ou não ia responder, avancei mais para o interior da casa e berrei o seu nome, levantando a cabeça de modo a que a minha voz alcançasse o piso superior.

— Stefan! Vem aqui imediatamente! Tenho umas contas a ajustar contigo. Stefan! Já tiveste tempo de sobra para a autocomiseração. Das duas uma, ou matas a Marsília, e eu ajudo-te nisso, ou ultrapassas o problema.

Rachel começou a dar-me palmadinhas no ombro e a puxar-me a roupa para tentar pôr-me fora de casa.

— Ele não pode sair — disse num tom de exaltada urgência. — O Stefan obriga-o a ficar em casa. Mercy, tem de se ir embora.

Sou dura e forte, e ela estava a tremer de fraqueza — e, provavelmente, de carência de ferro. Não tive qualquer dificuldade em manter-me onde estava.

— *Stefan* — gritei novamente.

Imensas coisas aconteceram num espaço de tempo muito curto, pelo que tive de pensar nelas posteriormente para as colocar na ordem certa.

Rachel inspirou e congelou, e, de repente, a sua mão estava a prender o meu braço em vez de o puxar. Porém soltou-a quando alguém me agarrou por trás e me lançou contra o piano vertical encostado à parede entre a entrada e a sala de estar. O barulho foi tal que a minha atenção se dividiu entre o som do meu impacto e a dor que senti quando as minhas costas embateram no topo do piano. O treino da reação a incontáveis golpes de karaté permitiu que eu não enrijecesse o corpo, e rolei pela face do piano abaixo. Não foi nada divertido. O meu rosto esbarrou no chão de laje. Algo estrondeou ao meu lado, uma espécie de estaca retorcida, e subitamente estava cara a cara com Ford, o tipo assustador e enorme que inexplicavelmente parecia ter-se lançado para o chão à minha beira e de cujo canto da boca gotejava sangue.

Tinha um aspeto diferente do da última vez, mais esguio e imundo. A sua roupa estava manchada de suor, sangue velho e sexo. Mas os seus olhos, momentaneamente fixos em mim, estavam bem abertos e assustados, como os de uma criança.

Depois uma t-shirt de um roxo desbotado a cair sobre umas calças de ganga esfarrapadas e sujas, e uma longa e desgrenhada cabeleira escura, bloquearam-me a visão de Ford.

O meu protetor era demasiado magro, demasiado desleixado, porém o meu olfato de imediato me indicou que era Stefan. Estar na presença de um vampiro que não se lava é melhor do que estar na presença de um humano que não se lava, porém não deixa de ser desagradável.

— Não — disse Stefan numa voz suave, no entanto Ford gritou e Rachel soltou um guincho.

— Eu estou bem, Stefan — disse-lhe, rolando rigidamente até ficar sobre as mãos e os joelhos. Todavia ignorou-me.

— Nós não fazemos mal às nossas visitas — afirmou Stefan, e Ford pôs-se a lamuriar.

Pus-me de pé, ignorando os protestos da anca e dos ombros doridos. Amanhã teria nódoas negras, mas nada pior do que isso graças às sessões, por vezes brutais, do *sensei* sobre como cair. O piano, a julgar pelo aspeto, também iria sobreviver ao nosso embate.

— O Ford não teve culpa — disse-lhe bem alto. — Ele só está a tentar fazer o teu trabalho. — Não sei se isso era verdade ou não; tinha para mim a suspeita de que Ford simplesmente era louco. Porém, estava disposta a tentar qualquer coisa para atrair a atenção de Stefan.

Ainda agachado entre mim e Ford, Stefan virou a cabeça para me observar. Os seus olhos eram frios e famintos, e fitou-me como se eu fosse uma completa desconhecida.

Seres monstruosos bem piores do que ele já me tinham tentado intimidar, portanto nem sequer pestanejei.

— Devias estar a tomar conta desta gente — disparei. Ok, a verdade é que ele me estava a assustar, e essa era a razão pela qual lhe falara de forma rude. Ficar-amedrontada-e-ficar-furiosa nem sempre era a atitude mais inteligente. Eu, que fora criada num bando de lobisomens, certamente sabia isso. No entanto, olhar para Stefan e para o que acontecera à sua casa fez-me ter vontade de chorar, e eu preferia ficar amedrontada e furiosa a fazer isso. Se pela cabeça de Stefan passasse a suspeita de que sentia pena dele, jamais me deixaria ajudar.

— *Olha para ela...* — Gesticulei na direção de Rachel e o olhar de Stefan acompanhou a minha mão em resposta à autoridade na minha voz, uma autoridade que começava a aprender com Adam. Ser companheira do Alfa dos lobisomens trazia alguns benefícios.

Stefan voltou a colocar os olhos em mim assim que se apercebeu do que tinha feito, mostrando as presas de uma forma que me fazia lembrar mais um lobisomem do que um vampiro. No entanto, parou de rosnar e olhou para Rachel novamente.

A tensão nos seus ombros suavizou-se e olhou para baixo, na direção de Ford. Não conseguia ver o rosto do homem grande, mas, aos meus olhos

treinados em dinâmica de bando, a sua linguagem corporal dizia claramente «rendição».

— *Merda* — disse Stefan, largando Ford.

— Stefan?

A ameaça desaparecera-lhe do rosto, mas o mesmo acontecera com qualquer vestígio de emoção. Parecia quase siderado.

— Vai tomar um duche. Penteia o cabelo e muda de roupa — disse-lhe bruscamente, usando o tom imperativo enquanto ele ainda estava fraco. — E não demores uma eternidade, deixando-me à mercê do teu rebanho durante muito tempo. Hoje à noite vou levar-te a sair para assistires a uns filmes foleiros juntamente comigo, com o Warren e com o Kyle. O Adam está fora, portanto abriu uma vaga.

Warren era o meu melhor amigo, um lobisomem, e o número três do Bando da Bacia do Columbia. Kyle era um advogado, humano, e amante de Warren. A Sessão de Cinema Foleiro era a nossa noite de terapia, mas às vezes convidávamos pessoas que entendêssemos que precisavam.

Stefan dirigiu-me um olhar incrédulo.

— Quer-me parecer que precisas que alguém te espete uma agulhada para te pões a mexer — informei-o com um gesto largo que indicou o estado vergonhoso da sua casa e do seu rebanho. — Mas em vez disso tens-me a mim, a amigável coiole que vive perto de ti. Mais vale cederes porque te vou azucrinar o juízo até aceites. É claro que conheço um *cowboy* que provavelmente tem uma agulhada, caso venha a ser necessário.

Levantou um canto da boca.

— O Warren é um lobisomem. Ele não precisa de uma agulhada para incitar as vacas a andar. — A sua voz soava rude e incomum. Relanceou os olhos a Ford, que ainda estava no chão.

— Tão cedo não vai fazer mal a ninguém — disse eu ao vampiro. — No entanto, tenho a capacidade de levar a maior parte das pessoas a recorrer à violência se me derem tempo suficiente para isso, portanto é bom que te despaches.

De repente, ouviu-se um estalido e Stefan tinha desaparecido. Sabia que ele tinha a capacidade de se teletransportar, embora raramente o fizesse à minha frente. As duas pessoas que ali ficaram agitaram-se de uma sacudidela, por reflexo, pelo que presumi que tão-pouco elas o tinham visto fazer aquilo muitas vezes. Sacudi o pó das mãos e virei-me para Rachel.

— Onde é que está a Naomi? — perguntei. Não conseguia imaginá-la a deixar as coisas chegarem a este estado.

— Morreu — respondeu Rachel. — A Marsília despedaçou-a, e não conseguimos voltar a juntá-la. Acho que isso foi a gota de água para o Ste-

fan. — Olhou para o topo das escadas. — Como é que conseguiu fazer aquilo?

— Ele não quer que eu vá buscar a aguilhada — repliquei.

Ela tinha os braços em volta do próprio corpo, a mão mutilada claramente visível. Tinha nódoas negras, marcas de mordeduras e outros vestígios de agressão física — e disse:

— Temos andado tão preocupados com ele. Não fala com nenhum de nós, não desde que a Naomi morreu.

O pobre do Stefan tentara ir desta para melhor porque Marsília o atraíra — e fizera o que estava ao seu alcance para levar consigo o que restava do seu rebanho. E Rachel estava preocupada com ele.

Com ele.

— Quantos de vocês é que restam? — perguntei. Naomi era uma senhora dura. Se tinha morrido, certamente não teria sido a única.

— Quatro.

Não era de admirar que estivessem com tão mau aspeto. Quatro pessoas não tinham a capacidade de, sozinhas, alimentar um vampiro.

— Ele tem saído para caçar? — inquiri.

— Não — respondeu. — Creio que ele não saiu de casa desde que enterrámos a Naomi.

— Deviam ter-me telefonado — disse-lhe.

— Sim — interveio Ford, no chão, a sua voz de tal modo forte que ecoou. Os seus olhos estavam fechados. — Devíamos.

Agora que não me estava a atacar, consegui perceber que também ele estava magro. Isso não podia ser bom para um homem que estava no processo de transição de humano para vampiro. Os vampiros novatos famintos têm tendência para sair à procura da sua própria comida.

Stefan devia ter resolvido a situação antes que ela tivesse chegado a este ponto.

Se estivesse na posse de uma aguilhada, talvez me tivesse sentido tentada a usá-la, pelo menos até as escadas terem rangido e eu ter olhado para cima e visto Stefan a descer. Tenho um diploma poeirento de uma licenciatura em História, pelo qual aguentara ver uma série de filmes do Terceiro Reich até ao fim, e neles havia homens que tinham morrido nos campos de concentração que eram menos descarnados do que Stefan na t-shirt verde do Scooby-Doo que envergava. Servia-lhe na perfeição quando o tinha visto com ela uns meses antes. Agora pendia-lhe dos ossos. Stefan, assim asseado, tinha um aspeto ainda pior.

Rachel disse que Marsília despedaçara Naomi. Olhando para Stefan, ocorreu-me que ela também estava muito perto de lhe fazer o mesmo. Um dia, um dia haveria de estar com Marsília na mesma sala segurando uma

estaca na mão, e, palavra de honra, faria uso dela. Isso se, claro está, Marsilia estivesse inconsciente e todos os seus vampiros estivessem igualmente inconscientes. De outro modo, era uma mulher morta, uma vez que Marsilia era muito mais perigosa do que eu. Ainda assim, a ideia de lhe espetar um pedaço de madeira afiado no peito, atravessando-lhe o coração, provocou em mim uma sensação de grande satisfação.

A Stefan, disse:

— Precisas de um dador antes de sairmos? Para que ninguém nos mande encostar e me obrigue a levar-te ao hospital ou à morgue?

Deteve o passo e olhou para baixo, na direção de Rachel e Ford. Franzou o cenho, depois pareceu intrigado e um tanto perdido.

— Não. Eles estão demasiado fracos. Os que restam não são suficientes.

— Não estava a falar deles, Shaggy — disse-lhe suavemente. — Já doe antes, e estou disposta a fazê-lo novamente.

Olhos de um vermelho-rubi fixaram-se avidamente em mim antes de ele pestanejar duas vezes, e de imediato deram lugar a olhos como cerveja de malte num copo com o sol a brilhar por trás.

— Stefan?

Pestanejou. O efeito produzido foi muito interessante: rubi, cerveja de malte, rubi, cerveja de malte.

— O Adam não vai gostar disso.

Rubi, rubi, rubi.

— Se o Adam estivesse aqui, ele próprio doava o seu sangue — repliquei de forma verdadeira, após o que puxei a manga para cima.

Estava a alimentar-se na dobra do meu braço quando o meu telemóvel tocou. Rachel ajudou-me a tirá-lo do bolso e abriu-mo. Não creio que Stefan se tenha sequer dado conta.

— Mercy, onde diabo estás tu?

Darryl, o número dois de Adam e responsável maior do bando na sua ausência, decidira que era sua função tomar conta de mim quando Adam estivesse ausente.

— Ei, Darryl — disse-lhe, tentando não soar como alguém que estivesse a servir de alimento a um vampiro.

O meu olhar recaiu em Ford, que em ocasião alguma se levantara do chão mas que estava fixo em mim com olhos que pareciam gemas amarelas polidas — citrina, talvez, ou âmbar. Não me lembrava de que cor eram os seus olhos uns minutos antes, mas acho que me lembraria daqueles olhos extraordinários caso ali tivessem estado anteriormente. Estava muito perto de se tornar vampiro, pensei. Antes de ter oportunidade de sentir medo, a voz de Darryl interrompeu-me os pensamentos.

— Foste para a casa do Kyle há uma hora e o Warren disse-me que ainda não chegaste.

— É verdade — repliquei, soando espantada. — Vê lá tu. Ainda não cheguei à casa do Kyle.

— Que espertinha — rosnou.

Darryl e eu tínhamos esta dinâmica amor-ódio. Começo a pensar que ele me odeia e faz algo simpático, como salvar-me a vida ou dirigir-me palavras de encorajamento. Concluo que ele gosta de mim e a seguir ataca-me verbalmente. Provavelmente o que acontece é que o deixo completamente confuso, o que aceito, porque o sentimento é mútuo.

Darryl, de entre todos os lobos de Adam, é o que mais odeia vampiros. Se lhe contasse o que estava a fazer, apareceria de imediato com reforços, e haveria cadáveres pelo chão. Os lobisomens tornam tudo mais complicado do que o necessário.

— Vivi trinta e tal anos sem *babysitter* — disse-lhe numa voz aborrecida. — Tenho a certeza que consigo chegar à casa do Kyle sem uma. — Estava a ficar um pouco tonta. À falta de outro método, dei uma palmada na cabeça de Stefan usando a mão com que segurava o telemóvel.

— O que foi isso? — perguntou Darryl, e Stefan agarrou-me o braço ainda com mais força.

Inspirei fundo porque Stefan me estava a magoar — e apercebi-me de que Darryl também ouvira isso.

— Era o meu amante — respondi a Darryl. — Dá-me licença que o ajude a terminar o serviço. — E desliguei o telefone.

— Stefan — disse. Mas era desnecessário. Soltou-me, recuou alguns passos e colocou-se sobre um joelho.

— Desculpa — rosnou. As suas mãos estavam pousadas no chão à sua frente, os punhos cerrados.

— Não há problema — disse-lhe, relanceando os olhos ao meu braço. Os pequenos ferimentos estavam fechados, sarando rapidamente com a saliva dele. Tinha aprendido mais sobre vampiros no último ano do que em toda a minha vida. Bendita ignorância, aquela em que vivera.

Sabia, por exemplo, que por causa do meu vínculo com Adam, ter permitido que Stefan se alimentasse de mim novamente não teria quaisquer repercussões. Um humano sem essa proteção que servisse de alimento para o mesmo vampiro em mais do que uma ocasião podia vir a tornar-se uma espécie de animal de estimação — que era o caso de todos os elementos do rebanho: dependentes do vampiro e dispostos a obedecer a quaisquer ordens que ele lhes desse.

O meu telemóvel tocou e, com ambas as mãos disponíveis, pude verificar o número: Darryl. Ok, é possível que o facto de ter permitido que

Stefan se alimentasse de mim tivesse repercussões, mas elas teriam mais a ver com a possibilidade de Darryl me chibar a Adam do que com Stefan. Premi um botão na parte lateral do telemóvel para que parasse de tocar.

— Meti-te em sarilhos — disse Stefan.

— Com o Darryl? — perguntei. — Lido bem com os problemas que possa ter com o Darryl, e sou menina para lhe tratar da saúde caso ele se estique demasiado.

Stefan levantou-se, inclinou a cabeça e dirigiu-me um breve sorriso — e, de repente, parecia-se muito mais com o Stefan que eu conhecia.

— Tu? A Menina Coiote *versus* o grande lobo mau? Não me parece. Provavelmente tinha razão.

— O Darryl não é o meu guarda — disse-lhe resolutamente. Resfolegou.

— Não, não é. Mas se te acontecer alguma coisa enquanto o Adam estiver fora, é o Darryl que vai levar com a culpa.

— O Adam não é assim tão estúpido — retorqui.

Pôs-se à espera.

— Chiça — disse-lhe, e liguei a Darryl de volta.

— Está tudo bem comigo — informei-o. — Ocorreu-me que o Stefan pudesse precisar de sair um bocado e passei por casa dele para o vir buscar. Telefonei-te quando estacionar na rampa de entrada da casa do Kyle, depois podes telefonar ao Adam e dizer-lhe que estou em segurança. Também lhe podes dizer que desde que não tenha rainhas das fadas loucas, monstros dos pântanos ou violadores megalómanos atrás de mim, sei tomar conta de mim.

Darryl inspirou fundo. Creio que terá sido por causa da menção ao violador, mas esse assunto já não me deixava apavorada. O homem estava morto, e fora eu a matá-lo. Os pesadelos tinham praticamente desaparecido, e quando apareciam, tinha a companhia de Adam para os combater. Adam é um homem muito bom para se ter ao lado num combate, mesmo que a única coisa que se está a combater seja uma memória má.

— Esqueceste-te dos vampiros possuídos pelo demónio — comentou Stefan, interrompendo o silêncio. Os vampiros, à semelhança dos lobisomens, conseguem ouvir conversas telefónicas privadas. Tal como eu, na verdade. Passei a ser uma grande adepta das mensagens escritas desde que me mudei para o Quartel-General do Bando.

— Pois esqueceu — disse Darryl. A sua voz suavizara-se num tom melífluo. — Nós tentamos dar-te o ar de que precisas para respirar, Mercy. Mas é difícil. És tão frágil e...

— Imprudente? — sugeri. — Estúpida? — Sou cinturão castanho em karaté e ganho a vida a reparar carros. Só em comparação com um lobisomem é que sou frágil.

— De maneira nenhuma — discordou, embora já o tivesse ouvido chamar-me imprudente e estúpida, entre uma série de outras coisas pouco lisonjeiras. — A tua capacidade de sobreviver a qualquer coisa que te apa-
reça no caminho às vezes deixa-nos a engolir medicamentos para úlceras durante dias. Não gosto do sabor do *Maalox*.

— Estou em segurança. Estou bem. — Excetuando algumas nódoas negras resultantes do meu embate com o piano e, dei-me conta disso ao dar um passo, algumas tonturas provocadas pela perda de sangue. No entanto, Darryl não se apercebeu da minha mentirita sem importância. Apesar de ser capaz de detetar uma mentira tão bem como qualquer outro lobisomem, ele não era o Marrok, que conseguia descobrir as minhas mentiras antes de elas me saírem da boca, inclusive ao telefone. Em todo o caso, estava em segurança. Olhei para Ford um pouco a medo, mas ainda não se tinha mexido do sítio para o qual Stefan o atirara.

— Obrigado — disse Darryl. — Liga-me quando chegares à casa do Kyle.

Desliguei.

— Acho que gostava mais quando o bando me queria ver morta — confessei a Stefan. — Estás pronto para ir?

Stefan baixou uma mão e puxou Ford até este ficar de pé — e a seguir encostou-o contra uma parede.

— Não te voltas a meter com a Mercy — disse-lhe.

— Sim, senhor — replicou Ford, que não oferecera qualquer resistência quando Stefan o sacudira.

Do corpo de Stefan desapareceu qualquer indício de violência, e encostou a testa ao ombro do homem mais alto.

— Desculpa. Eu vou resolver isto.

Ford levantou o braço e deu uma palmadinha no ombro de Stefan.

— Sim — disse. — Claro que sim.

Admito que fiquei surpreendida ao constatar que Ford era capaz de dizer mais palavras além de «Esmagar».

Stefan afastou-se dele às arrecuas e olhou para Rachel.

— Há comida na cozinha?

— Sim — respondeu-lhe. Depois engoliu em seco e disse: — Posso fazer hambúrgueres e dar de comer aos outros.

— Isso seria bom, obrigado.

Rachel acenou com a cabeça, dirigiu-me um breve sorriso e desapareceu pelo interior da casa — presumivelmente rumo à cozinha, com Ford a segui-la como um cachorro grande, um cachorro mesmo muito grande com dentes afiados.

Sáímos porta fora e Stefan olhou em volta para o que restava do seu

relvado. Parou ao lado da carrinha, abanou a cabeça e seguiu-me até ao meu carro. Não pronunciou uma única palavra até alcançarmos a autoestrada paralela ao Columbia.

— Os vampiros velhos estão sujeitos a fugas — disse-me. — Não lidamos tão bem com a mudança como quando éramos humanos.

— Eu cresci num bando de lobisomens — lembrei-o. — Os lobos velhos também não lidam muito bem com a mudança. — Depois, não fosse dar-se o caso de ele pensar que estava apenas a ser solidária, acrescentei: — Claro que normalmente eles não arrastam consigo uma série de pessoas que depende deles.

— Ah, não? — murmurou. — Curioso. Pensava que o Samuel quase tinha arrastado consigo uma série de pessoas.

Reduzi uma mudança e ultrapassei uma avozinha que circulava a oitenta numa zona com um limite de velocidade de cem quilómetros por hora. Quando o rugido do pequeno motor a *diesel* do *Rabbit* me aliviou parte da ira, engatei a mudança seguinte e disse:

— Um ponto para ti. Tens razão. Desculpa não ter aparecido mais cedo.

— Ah — disse Stefan, olhando para as próprias mãos. — Terias aparecido se eu te tivesse telefonado.

— Se estivesse em condições para me telefonar a pedir ajuda — repliquei —, provavelmente não terias precisado de o fazer.

— Então — disse ele, mudando de assunto —, que filme é que vamos ver esta noite?

— Não sei. Desta vez é o Warren a escolher, e ele pode ser um tanto ou quanto imprevisível. Da última vez que foi ele a escolher, vimos a versão de 1922 do *Nosferatu*, e, antes disso, *Perdidos no Espaço*.

— Eu gostei de *Perdidos no Espaço* — disse Stefan.

— Do filme ou da série de televisão?

— Do filme? Ah, pois. Tinha-me esquecido de que havia um filme — disse sobriamente. — E preferia não me ter lembrado.

— Às vezes a ignorância é mesmo uma bênção.

Olhou para mim, depois franziu o sobrolho.

— Sumo de laranja ajuda a aliviar a dor de cabeça.

Estava à espera na fila de um restaurante *drive-in*, tendo pedido dois sumos de laranja e um hambúrguer, depois da insistência de Stefan, quando o meu telemóvel tocou novamente. Presumi que fosse Darryl a meter o bedelho novamente, pelo que atendi sem olhar para o ecrã. Um dia vou deixar de fazer isso.

— Mercy — disse a minha mãe —, ainda bem que te consigo apanhar. Ultimamente tem sido difícil chegar à fala contigo. Precisava de te dizer que

tenho tido problemas em relação às pombas. Consigo encontrar pessoas que têm pombos, mas o homem que tinha pombas simplesmente desapareceu. Descobri hoje que pelos vistos também tinha cães de luta e está a cumprir uma pena de alguns anos atrás das grades.

A minha dor de cabeça piorou subitamente.

— Pombos? — Tinha-lhe dito que não queria pombas. Pombas e lobisomens são... Bom, tinha-lhe dito que não queria pombas.

— Para o teu casamento — disse a minha mãe impacientemente. — Sabes, aquele que vais ter em agosto? Só faltam seis semanas. Pensava que tinha o assunto das pombas controlado — estava convicta de que lhe tinha dito «nada de pombas» — mas depois, bom... Em todo o caso, não ia querer dar dinheiro a alguém envolvido em lutas de cães. Embora se calhar isso não incomodasse o Adam?

— Isso ia incomodar o Adam — repliquei. — E incomoda-me a mim. Nada de pombas. Nada de pombos, mãe. Nada de cães de luta.

— Ah, ainda bem — disse num tom animado. — Achei que ias concordar. Afinal de contas, tem origem numa lenda índia.

— O quê? — perguntei a medo.

— Borboletas — respondeu alegremente. — Vai ser lindo. Pensa nisso. Também podíamos largar balões de hélio. Talvez uns duzentos cheguem. Borboletas e balões dourados largados para o céu para celebrar a vossa nova vida em conjunto. Bem — disse numa voz apressada e determinada —, é melhor ir tratar disso.

Desligou e pus-me a olhar para o telemóvel. Stefan estava com convulsões no lugar do passageiro.

— Borboletas — consegui dizer entre ataques de riso descontrolado. — Pergunto-me onde terá ela arranjado borboletas.

— Ri-te à vontade — disse-lhe. — Não és tu que vais ter de explicar a um bando de lobisomens porque é que a minha mãe vai largar borboletas... — Fi-lo gargalhar novamente. Era inútil alimentar a esperança de que fossem apenas uma ou duas. Não, a minha mãe fazia sempre tudo em grande. Imaginei mil borboletas e, Deus Nosso Senhor me ajude, duzentos balões de hélio dourados.

Inclinei-me para a frente e bati com a cabeça no volante.

— Vou fugir com o Adam. Disse-lhe que devíamos fazer isso, mas ele não quis ferir os sentimentos da minha mãe. Pombas, pombos, borboletas... Ainda vamos acabar por ter um avião com uma faixa e fogo de artifício...

— Uma banda marcial — disse Stefan. — E gaitas de foles com belos gaiteiros escoceses apenas com os *kilts* vestidos. Bailarinas da dança do ventre... Há uma série de grupos locais de bailarinas de dança do ventre.

Motards tatuados. Aposto que a conseguia ajudar a encontrar um urso bailarino...

Paguei a minha comida enquanto ele inventava novas e maravilhosas coisas para acrescentar à angústia do meu dia de casamento.

— Obrigada — disse-lhe, sorvendo um grande gole de sumo de laranja, após o que regresssei para o meio do trânsito. Detesto sumo de laranja. — És uma ajuda inestimável. A minha nova ambição de vida é certificar-me de que tu e a minha mãe nunca se juntem no mesmo espaço até eu e o Adam casarmos.

Stefan reanimara-se de tal modo com as gargalhadas e o sangue que, excluindo uma observação de Kyle em que disse «Alguém precisa de ter consciência de que o *look* de manequim nem aos manequins fica bem», nem Kyle nem Warren pareceram notar algo de errado em Stefan. Também, revelando tato, não fizeram qualquer comentário em relação ao sumo de laranja no qual, em circunstâncias normais, não teria tocado nem com uma vara de três metros.

Pegámos em três taças de pipocas de micro-ondas e dirigimo-nos para a sala de cinema. Kyle é um advogado muito bem-sucedido; a sua casa é suficientemente grande para ter uma sala de cinema. A casa de Adam também tem uma sala de cinema — mas, no fundo, trata-se da casa não oficial de todo o bando. A todo o momento recebemos pessoas que passam lá a noite. A casa de Kyle é apenas para Kyle e Warren. Warren sentir-se-ia feliz a viver numa tenda na cordilheira. Kyle prefere tapetes persas, tampos de balcões em mármore e cadeiras de couro. É revelador — não sei bem de quê — o facto de estarem a viver naquela que é a ideia de casa de Kyle e não naquela que é a ideia de casa de Warren.

A escolha de Warren para a nossa sessão de cinema foi *A Sombra do Vampiro*, um filme ficcional sobre a criação de *Nosferatu*. Alguém tinha feito uma pesquisa aprofundada em torno das lendas sobre o filme antigo e jogara com elas.

A dada altura, ao ver o rosto sério de Stefan, disse-lhe num sussurro:

— Sabes, tu és um vampiro. Não devias ter medo deles.

— Qualquer pessoa — replicou Stefan com convicção — que tivesse conhecido o Max Schreck passaria a ter medo de vampiros para o resto da vida. E apanharam-no em flagrante.

Warren, que estava no chão, sentado na sua posição favorita — de costas encostadas às pernas de Kyle — premiu o botão de pausa, sentou-se direito e torceu o corpo para conseguir ver Stefan, que estava sentado no

lado oposto do sofá. Eu, na condição de rapariga solitária, sentara-me na enorme cadeira reclinável nova.

— O filme é baseado em factos verídicos? O Max Schreck era mesmo um vampiro? — perguntou Warren. Max Schreck era o nome do homem que desempenhava o papel de vampiro em *Nosferatu*.

Stefan fez que sim com a cabeça.

— O seu verdadeiro nome não era Shreck, mas ele usou-o durante um ou dois séculos, portanto serve. Um velho monstro assustador. Mesmo assustador, mesmo velho. Decidiu que queria aparecer no filme, e nenhum dos outros vampiros se atreveu a dissuadi-lo.

— Espere lá — disse Kyle. — Achava que uma das queixas em relação ao *Nosferatu* era que todas as cenas com o Shreck eram claramente filmadas durante o dia. Vocês, vampiros, não dormem durante o dia?

Kyle, como amante de Warren, tinha um conhecimento muito mais aprofundado das coisas que vagueiam pela noite do que a maior parte dos humanos, para quem os vampiros eram monstros dos filmes, não homens que usavam t-shirts do Scooby-Doo e viviam em casas de luxo em cidades reais. No entanto, pensei, não tardaria muito até que os vampiros se dessem a conhecer. Os lobisomens tinham-no feito há um ano e meio — apesar de terem tido cuidado em relação ao que disseram publicamente. Os seres feéricos tinham-se dado a conhecer na década de 1980. As pessoas começavam a aperceber-se gradualmente de que o mundo é um sítio mais assustador do que o discurso científico dos últimos séculos as levava a crer.

— Nós morremos durante o dia — respondeu Stefan. — Mas o Max era muito velho. Ele tinha a capacidade de fazer todo o tipo de coisas, e não me surpreenderia se viesse a saber que conseguia andar de dia. Só estive com ele uma vez, muito tempo antes do *Nosferatu*. Ele compareceu a uma das festas do Senhor de Milão, o Senhor da Noite, sem ter sido convidado. Foi estranho ver tantas pessoas poderosas encolherem-se de medo perante um homem sujo, miseravelmente vestido e extraordinariamente feio. Vi-o matar uma vampira de duzentos anos com um olhar. Desintegrou-a em pó com um simples olhar de relance por se ter rido dele. O Senhor da Noite, que era o senhor dela, era muito velho e poderoso, mesmo nessa altura, e nem sequer abriu a boca para protestar apesar de ela ser a mais nova do seu rebanho e lhe ser muito cara.

— O Shreck ainda está vivo? — perguntou Warren.

— Não sei — respondeu Stefan, e acrescentou, quase em surdina: — E não quero saber.

— Ele foi sempre assim tão feio ou piorou com a idade? — inquiriu Kyle. Kyle era bonito, e sabia-o. Nunca tive a certeza se ele era de facto vaidoso, ou se se tratava de mais uma entre as muitas coisas que usava para

camuflar a inteligência atrás da cara bonita. Suspeitava que ambas eram verdade.

Stefan sorriu.

— Essa é a pergunta que persegue os vampiros mais velhos. Não fazemos perguntas sobre a idade, mas conseguimos perceber, mais ou menos. O Wulfe é provavelmente o vampiro mais velho que já conheci, excluindo o Max. O Wulfe não é feio nem monstruoso. — Fez uma pausa, e depois continuou num tom ponderado: — Pelo menos não por fora.

— Talvez ele fosse um ser feérico ou parcialmente feérico — avancei. — Alguns deles têm uma aparência muito... invulgar.

— Nunca ouvi isso a respeito dele — disse Stefan. — Mas quem poderia saber?

Warren carregou no botão de *Play* e, de certo modo, o facto de saber que Max Shreck, que desempenhara o papel do verdadeiro Conde Orlok, fora um pesadelo para os vampiros, tornou o filme muito mais assustador — e antes disso já tinha elementos de sobra para o ser. Apenas Warren parecia indiferente ao efeito.

Quando o filme terminou, relanceou os olhos a Stefan.

— Vampiro — disse sem intenção de insultar —, porque é que não vem comigo lá abaixo à cozinha enquanto estes dois passam os olhos pela extraordinária coleção de maravilhas do cinema do Kyle, para ver se encontram alguma coisa que impeça a Mercy de conduzir até casa em excesso de velocidade.

— Ei! — disparei, indignada.

Exibiu-me um sorriso rasgado enquanto se levantava do chão e se esticava, o seu corpo alto e magro quase a tocar o teto sob o olhar admirador de Kyle. Warren não era tão bonito como Kyle, mas também não era o Max Shreck, e sabia que se estava a exhibir para um público. Talvez Kyle não fosse o único vaidoso.

— Ei, Mercy — disse Warren. — E que tal se víssemos outro filme? O Stefan está habituado a ficar acordado até tarde e o Adam não está em casa à tua espera. Escolham um filme, vocês os dois, que eu e o Stefan vamos voltar a encher as taças de pipocas.

Kyle esperou que Warren e Stefan chegassem ao piso inferior antes de dizer:

— O Stefan parece estar com fome. Achas que o Warren o vai alimentar antes de o trazer de volta?

— Acho que isso é capaz de ser uma boa ideia. Ele já bebeu do meu sangue hoje e estava a começar a olhar para ti como se fosses o jantar dele. Não me parece que o Warren fosse permitir que o Stefan se alimentasse de ti, mesmo que ele pedisse e tu consentisses. Os lobisomens são assim,

possessivos. Provavelmente é melhor se for o Warren a fazê-lo. Sendo um lobisomem com um bando, o Warren não vai acabar como o velho amigo do Stefan, Renfield¹.

Kyle fez uma careta.

— Não faças uma pergunta se não quiseses ouvir a resposta — disse-lhe, pulando da cadeira e examinando cuidadosamente uma das estantes repletas de *Blu-rays*, DVDs e cassetes VHS.

Quando Warren e Stefan regressaram, pareceu-me óbvio que Stefan se tinha alimentado novamente. Movia-se com algo próximo da sua graciosidade habitual.

— Não têm *A Noiva de Frankenstein*? — perguntou Stefan, numa altura em que Kyle segurava o *The Lost Skeleton of Cadavra*² como nossa escolha para o segundo filme. — Ou *O Pai da Noiva? Quatro Casamentos e Um Funeral*? — Desviou os olhos na minha direção. — *O Efeito Borboleta*, talvez? — Não havia dúvidas, estava a sentir-se melhor.

Atirei-lhe uma almofada.

— Cala-te. Ca-la-te.

Stefan apanhou a almofada, atirou-a contra mim e soltou uma risada.

— Que se passa? — perguntou Kyle.

Enterrei a cabeça na almofada.

— A minha mãe desistiu das pombas para o meu casamento e, apesar de eu não saber que essa possibilidade estava em cima da mesa, pelos vistos também desistiu dos pombos. Em vez disso, quer largar borboletas e balões.

Warren pareceu apropriadamente chocado, mas Kyle começou a rir.

— É uma moda recente, Mercy — disse. — É o ideal para ti porque supostamente se baseia numa lenda índia. A história é a seguinte: se apanhares uma borboleta e lhe sussurrares o teu desejo, e depois a largares, a borboleta levará o teu pedido até ao Grande Espírito. Uma vez que libertaste a borboleta, quando a podias ter matado ou capturado, o Grande Espírito vai sentir-se inclinado a considerar o teu pedido favoravelmente.

— Estou condenada — disse à almofada. — Condenada a borboletas e balões.

— Pelo menos não são pombos — observou Warren, pensando no sentido prático.

¹ Personagem do romance *Drácula*, de Bram Stoker, que vive internado num manicómio e sofre de alucinações que o impelem a comer criaturas vivas na esperança de, através do sangue delas, obter a sua força. No decurso da trama, vem-se a saber que está sob a influência do Conde Drácula. (*N. do T.*)

² Filme independente série B, realizado na década de 1950 pelo realizador norte-americano Larry Blamire. (*N. do T.*)

— Então o que é que fizeste ao Darryl? — perguntou-me Adam enquanto fechava a porta do condutor do meu *Rabbit*.

Normalmente era eu quem conduzia o *Rabbit*, mas os lobos Alfa não lidam bem com as viagens de avião através de companhias aéreas. O facto de se ter visto obrigado a confiar num estranho para pilotar o avião deixara Adam com uma necessidade de controlo, pelo que quando eu e a sua filha Jesse o fomos buscar ao aeroporto, ele ocupou a posição ao volante.

— Eu não fiz nada ao Darryl — protestei.

Adam olhou-me longamente antes de engatar a marcha-atrás, sair do lugar de estacionamento e conduzir em direção à saída do parque de estacionamento do aeroporto.

— Passei pela casa do Stefan a caminho da noite de cinema — disse. — Adam, o Stefan está num sarilho tremendo. Perdeu muitos dos elementos do rebanho e ainda não os substituiu. Estão a morrer; ele estava a morrer.

Adam agarrou o meu braço e virou-o para ver a dobra. Também eu olhei com interesse para a pele imaculada.

— Mercy — disse Adam, enquanto Jesse dava risadinhas no banco traseiro. — Deixa-te de palhaçadas.

— É no outro braço — disse-lhe. — São só duas marcas. Daqui a um dia já desapareceram. Sabes bem que não me vai fazer mal nenhum. O nosso vínculo de companheiros e com o bando impede-o de comunicar comigo da mesma forma que comunicaria com um humano.

— Não admira que o Darryl estivesse chateado — replicou Adam enquanto parava na cabine de pagamento de bilhetes, atrás de outro carro. — Ele não gosta de vampiros.

— O Stefan precisa de arranjar mais pessoas para o rebanho dele — disse-lhe. — Ele sabe disso, eu sei disso... mas não lho posso *dizer*.

— Porque não? — perguntou Jesse.

— Porque o rebanho de um vampiro é constituído por vítimas — respondeu Adam. — A maior parte delas morre muito lentamente. O Stefan é menos cruel do que o vampiro comum, mas não deixam de ser vítimas. Se a Mercy o encorajar a ir à caça, basicamente está a dizer que aprova o que ele fizer.

— O que não é verdade — intervim resolutamente. O condutor do carro à nossa frente estava a discutir com a senhora dos bilhetes. Catei o bolso das minhas calças de ganga.

— Mas acontece que se trata do Stefan — disse Adam. — Que, para um vampiro, até nem é um tipo ruim.

— Pois não — concordei sobriamente. — Mas não deixa de ser um vampiro.

A senhora na cabine de pagamento de bilhetes aparentemente ganhara a discussão, uma vez que o condutor lhe entregou o cartão de crédito. Notei que a senhora tinha um conjunto de balões de hélio ao seu lado; no centro estava um balão brilhante que dizia «Feliz Aniversário, Avó!»

— Tenho um pedido a fazer — disse a Adam enquanto ele entregava o bilhete de estacionamento à senhora na cabine.

— Qual? — Parecia exausto. Era a segunda viagem que fazia este mês à outra Washington no lado oposto do país, e isso notava-se no seu estado de cansaço. Hesitei. Talvez devesse esperar que ele dormisse uma boa noite de sono.

No banco traseiro do *Rabbit*, Jesse dava risadinhas. Ela era uma boa miúda, e gostávamos uma da outra. Hoje, o seu cabelo tinha a mesma tonalidade castanha-escura da do pai. Ontem estava verde. O verde não é uma boa cor de cabelo para ninguém. Após três semanas de cabelo que se parecia com espinafres em estado de apodrecimento, creio que finalmente concordou comigo. Quando me levantei esta manhã para ir trabalhar, estava a pintá-lo. De certo modo, o castanho fora mais inesperado do que o verde.

— Chiu — disse-lhe com severidade fingida. — Não te metas.

— De que é que precisas? — perguntou-me Adam.

Já me sentia melhor com ele em casa — a ansiedade ininterrupta que era a minha companhia constante quando ele estava ausente desaparecera, e levava consigo a pavorosa sensação de estar encurralada.

A senhora na cabine fez que sim com a cabeça e acenou para avançarmos porque tínhamos chegado na altura do desembarque de Adam e apenas estávamos ali há quinze minutos — ainda dentro do limite de tempo para o estacionamento gratuito.

Os balões ao lado dela provocaram-me uma sensação de aperto no estômago, especialmente os dourados.

— Quero casar — disse-lhe, enquanto Adam arrancava e os balões ficavam para trás.

Virou a cabeça bruscamente e olhou-me por breves momentos, antes de voltar a concentrar a atenção na estrada. Provavelmente o seu olfato estava a dar-lhe alguma indicação daquilo que eu sentia. A maior parte dos sentimentos fortes é vulnerável à deteção quando se vive com lobisomens. O meu olfato também era bom, mas apenas me indicava que Adam viajara com uma mulher ao seu lado, porque o cheiro dela alojara-se na sua manga. Era frequente o nosso vínculo de companheiros permitir-nos saber o que o outro estava a sentir ou, mais raramente, a pensar, mas neste momento isso não estava a acontecer.

— Eu tinha ficado com a impressão de que *vamos* casar — disse ele, cautelosamente.

— *Agora*, pai. — Jesse enfiou a cabeça entre os bancos dianteiros do meu *Rabbit*. — Ela quer casar *agora*. A mãe dela ligou na sexta e desistiu das pombas...

— Pensava que já lhe tinhas dito que não queríamos pombas? — disse-me Adam.

— ... e dos pombos — continuou a sua filha, despreocupadamente.

— Pombos? — disse Adam pensativamente. — Os pombos são bonitos. E são muito saborosos, também.

Bati-lhe no ombro. Não com muita força, apenas a suficiente para dar a entender que percebera a provocação.

— ... mas acabou por decidir que seria melhor usar borboletas — prosseguiu Jesse.

— Borboletas e balões — disse eu a Adam. — Ela quer soltar borboletas e balões. Dourados.

— Se ela quer usar balões dourados, espero que esteja a tentar encontrar borboletas-monarcas — comentou Jesse num tom prestável.

— Borboletas-monarcas — repetiu Adam. — Conseguem imaginar as pobres criaturas a tentar descobrir o trajeto de migração a partir de Tri-Cidades?

— Ela tem de ser impedida antes que destrua o ecossistema — disse-lhe, apenas meio a brincar. — E só me ocorre uma forma de fazer isso. A minha irmã fugiu com o noivo por causa da pressão dos preparativos para o casamento feitos pela minha mãe. Acho que também posso fazer o mesmo.

Gargalhou — e pareceu muito menos cansado.

— Eu adoro a tua mãe — replicou com uma satisfação honesta que

lhe baixou a voz até um ronronar. — Creio que preservar o ecossistema de Tri-Cidades é uma razão válida para nos anteciparmos. Assim sendo, vamos casar-nos. Tenho o meu passaporte comigo. Tens a tua certidão de nascimento contigo para obtermos a licença, ou precisamos de ir a casa antes?

Era um pouco mais complicado do que isso, pelo que precisámos de dois dias para casar. O processo de fugir e casar não é tão rápido como fora em tempos, a menos que se viva em Las Vegas, presumo. É verdade que talvez conseguíssemos tê-lo feito mais depressa, mas insisti que fosse o Pastor Arnez a fazer as honras. E ele tinha um funeral e dois casamentos antes de poder dirigir a nossa cerimónia.

Adam perdera imensas coisas quando combatera no Vietname. A sua humanidade e crença em Deus eram apenas duas delas, dissera-me. Não estava propriamente extasiado com a ideia de um casamento pela Igreja, mas na verdade não podia objetar sem admitir que o que sentia em relação a Deus era raiva, não descrença. Sentia-me contente por ter evitado essa discussão durante uns tempos.

A nossa intenção era que a cerimónia fosse pequena: Adam, Jesse e eu própria, juntamente com duas testemunhas. Peter, o solitário submisso do bando, passou lá por casa na altura certa e portanto foi pressionado a servir de testemunha. Zee, o meu mentor, que tomaria conta do meu negócio enquanto estivéssemos ausentes na nossa lua-de-mel improvisada, foi incluído nos nossos planos quase imediatamente e reivindicou o privilégio de ser a segunda testemunha. Apesar dos rumores, as criaturas feéricas não têm qualquer problema em entrar numa igreja, seja qual for a denominação ou religião. É o aço que a Igreja Cristã dos primórdios trouxe consigo que é mortal para as criaturas feéricas, não a Cristandade — embora por vezes as criaturas feéricas também se esquecessem dessa parte.

No entanto, não sei como, a notícia espalhou-se pelo bando e a maior parte dos seus elementos estava na igreja na segunda-feira de manhã, pela altura em que eu e Jesse chegámos de carro. Adam ia noutra carro com Peter, seguindo a tradição. Tivera de parar para meter gasolina, pelo que eu e Jesse chegámos primeiro, e quando estacionámos, havia imensos carros conhecidos no parque.

— As notícias espalham-se depressa — disse eu, saindo do carro.

Jesse acenou solenemente.

— Lembras-te de quando a Auriele tentou preparar uma festa surpresa para o Darryl? Talvez tivéssemos conseguido manter o bando longe disto se tivéssemos realizado a cerimónia ontem. Importas-te muito?

— Não — respondi. — Não me importo. Mas se estiver aqui muita gente, a minha mãe vai sentir-se mal. — O meu estômago começou a apertar de ansiedade. Uma das razões para eu ter um casamento planeado era evitar ferir os sentimentos das pessoas. Bem vistas as coisas, talvez isto não tivesse sido muito boa ideia.

No entanto, quando entrámos na igreja, tornou-se óbvio que não tinha sido apenas o bando a descobrir. O Tio Mike saudou-nos à porta — presumo que Zee lhe tivesse contado. Olhando por cima do ombro dele, constatei que o velho dono de uma taberna trouxera consigo mais algumas criaturas feéricas, incluindo — para minha consternação — a Rapariga do Ioió, que na última ocasião em que a vira estava a comer as cinzas de uma rainha das fadas. «Rapariga do Ioió» não era o seu verdadeiro nome, que aliás nunca vim a saber; apenas se relacionava com o que ela estava a fazer na primeira ocasião em que a conhecera. Era perigosa, poderosa, e parecia uma rapariga de dez anos com flores no cabelo, trajando um vestido de verão. Sorriu-me. Julgo que ela sabia o quanto me apavorava e achava isso engraçado.

Não tencionara caminhar formalmente através do corredor. Porém, à medida que as pessoas começavam a chegar, Samuel — lobisomem, antigo companheiro de casa e namorado de há muito tempo — afastou-me do núcleo de pessoas e deu-me um ramo de flores brancas e douradas.

Puxou-me o cabelo para trás da orelha esquerda e curvou-se para sussurrar:

— Caramba, com a Jesse a trabalhar, isto foi sempre a andar. Em pouco mais de três dias, organizou isto tudo.

— Três? — retorqui. — Só ontem é que decidimos sair da cidade para casar.

Sorriu e beijou-me na testa.

— Eu ouvi falar disto no sábado. — *Antes* de Adam ter regressado da Costa Leste.

Relanceei os olhos a Jesse, que me dirigiu um sorriso animado e com a boca disse «Surpresa». Depois olhei em volta com atenção. Enquanto esperávamos por Adam, o adro da igreja começava a adquirir um ar festivo à medida que as pessoas exibiam caixas com flores e fitas brancas largas — e, se não estava em erro, algumas das criaturas feéricas estavam a fazer uso de magia para acrescentarem o seu próprio toque.

Estava enfiada no meu vestido de noiva, comprado no mês anterior. Ocorrera-me que pareceria estranho, tratando-se de uma cerimónia tão rápida, mas uma vez que já tinha o vestido — uma coisa grande e volumosa da cintura para baixo e de seda branca justa em cima, com mangas estreitas —, Jesse dissera-me que o devia usar. E Jesse optara por colocar o seu vesti-

do de dama de honor porque «O que é que eu haveria de vestir?» Ao vê-la com ele, não desconfiara minimamente, provavelmente porque adorava o vestido e teria aceitado qualquer desculpa para o vestir.

Alguém abriu as portas da capela para que as pessoas se pudessem ir sentar, mas já havia imensas pessoas sentadas. Não apenas lobos e criaturas feéricas — consegui ver alguns dos contactos profissionais de Adam e alguns dos meus clientes habituais na oficina. Gabriel, o meu braço-direito na oficina, e Tony, meu amigo do Departamento de Polícia de Kennewick, estavam sentados lado a lado. Aproximei-me um passo da capela, tentando ver todas as pessoas que Jesse convidara para vir ao meu casamento. Eram muitas.

Samuel segurou-me enquanto o adro se esvaziava, até restarmos apenas nós, Jesse e Darryl — e o órgão começou a tocar Wagner.

Jesse, com o braço enfiado no de Darryl, conduziu a procissão em direção ao átrio da igreja. Parou aí para permitir às minhas irmãs Nan e Ruthie, que evidentemente haviam estado escondidas atrás das portas da capela para que não as visse, seguirem à frente, acompanhadas por Warren e Ben, outro dos lobos de Adam.

À frente da capela, Adam estava à minha espera ao lado do pastor.

Pestanejei para impedir que me saíssem lágrimas, após o que funguei — e Samuel largou-me o braço.

Olhei para ver o que estava a fazer, mas um outro homem tinha ocupado o seu lugar.

— O Zee queria ter a honra de te conduzir ao altar — disse Bran, pai de Samuel, o Marrok que mandava em todos os lobos de todos os sítios, e Alfa do bando de Montana que me criara. — Mas eu tinha prioridade.

— Discutiram durante um bom pedaço — sussurrou Samuel. — Pensei que viesse a haver sangue.

Passei a igreja em revista e constatei que muitos dos elementos do bando de Montana com quem crescera estavam presentes. Charles, o irmão de Samuel, sentado ao lado da sua companheira, sorriu-me. Charles raramente — ou mesmo nunca — sorria.

Nessa altura, para minha humilhação, comecei a chorar.

Bran chegou-se mais a mim enquanto caminhávamos lentamente, e num sussurro quase impercetível que mais ninguém além de nós perceberia, disse:

— Antes de ficares toda emocionada com a nossa generosidade ao prepararmos-te tudo isto, devias tomar conhecimento de algumas coisas. Tudo começou com uma aposta...

Quando nos alinhámos à beira do altar, de um modo tão gracioso que parecia ensaiado, Bran tinha razão: já não me sentia comovida. Nem estava

a chorar. Nan, Ruthie e Jesse estavam postadas ao meu lado, juntamente com Bran, que ainda segurava a minha mão. Darryl, Warren e Ben estavam alinhados no lado oposto, junto a Adam.

A minha mãe, a traidora sentada na primeira fila de bancos, mandou o meu padrasto levantar-se e colocar uma borboleta-monarca feita de seda no meu ramo de flores. Ele beijou-me na face, trocou um aceno de cabeça com Bran, e depois voltou a sentar-se ao lado da minha mãe. A minha mãe dirigiu-me um sorriso satisfeito e não se parecia nada com a conspiradora perversa que era.

— Balões — disse-lhe com a boca, erguendo uma sobrancelha para mostrar o que pensava do seu subterfúgio.

Apontou para cima discretamente — e ali, encostadas ao teto, estavam dezenas de balões dourados com borboletas de seda atadas aos fios.

Ao meu lado, Bran riu-se — indubitavelmente da minha expressão estupefacta.

— Tal como as criaturas feéricas — murmurou —, a tua mãe não mente. Apenas te conduz até onde quer que tu vás, independentemente da tua vontade, e fá-lo para o teu próprio bem. Se te serve de ajuda, não estás sozinha; ela veio ter comigo com uma coiole bebé para criar, e olha para o que me aconteceu. Pelo menos tu não lhe deves cem dólares.

— É bem feito, é para aprenderes a não apostar nada com a minha mãe — disse-lhe enquanto a música chegava ao fim e ele me levava para junto de Adam.

Bran parou quase imediatamente, puxou-me para trás ao seu encontro e franziu o sobrolho a Adam — e o peso da sua autoridade sentiu-se em toda a capela. Bran conseguia disfarçar o que era, e normalmente fazia-o, parecendo um jovem franzino sem particular importância. No entanto, de quando em vez, punha a descoberto a verdade do que era. Bran era um lobo muito, muito velho e poderoso. Governava os lobos da nossa parte do mundo, e ninguém neste espaço, nem mesmo os humanos, ficaria admirado com o facto de ele ser capaz de fazer com que os lobos Alfa obedecessem às suas ordens. A música do órgão hesitou perante a sua autoridade e calou-se.

— Cachorrinho — disse, interrompendo o silêncio súbito —, hoje vou dar-te um dos meus tesouros. Vê lá se o tratares devidamente.

Adam, sem dar indícios de se sentir intimidado, acenou uma vez com a cabeça.

— Farei isso.

Depois a ameaça do que Bran era desapareceu e voltou a ser um homem banal de aparência jovem vestindo um smoking cinzento de belo corte.

— Ela vai virar a tua vida do avesso.

Adam sorriu e, do canto do olho, vi a minha mãe refrescar o rosto com um leque — Adam é muito asseado e, com um smoking, é de cortar a respiração, mesmo sem o sorriso.

— Ela tem feito isso nos últimos dez anos — disse. — Não creio que vá mudar tão cedo.

Bran permitiu que eu avançasse, e Adam pegou na minha mão.

— Perdeste dinheiro recentemente? — sussurrei.

— Tenho cara de estúpido? — sussurrou de volta, levando a minha mão aos seus lábios. — Só soube disto quando a tua mãe me ligou para o hotel depois de te ter feito o telefonema a propósito das borboletas. Pelos vistos vem falando com a Jesse há umas semanas. Eu e tu fomos os últimos a saber.

Fitei-o e depois atentei no olhar jubiloso do Pastor Arnez. Tinha de esperar por causa de um funeral... Pois, pois.

— Eu também não apostei nada — sussurrou-me o pastor.

— A maior parte das pessoas — disse Adam ponderadamente, e alto o suficiente para que até os membros da plateia sem dons sobrenaturais o pudessem ouvir — tem festas de aniversário-surpresa. Tu tens um casamento-surpresa.

E, quase como se tivessem sido instruídos para tal — algo que pelo menos meia dúzia de pessoas mais tarde me veio a garantir não ser o caso —, todos gritaram «*Surpresa!*»

No breve silêncio que se seguiu, um dos balões de hélio rebentou e os seus restos, incluindo uma borboleta de seda, caíram no chão atrás do pastor. Se aquilo era um presságio, não fazia a menor ideia do que queria dizer.

Na cave da igreja havia uma impressionante quantidade de comida e bebida, e aproveitei a oportunidade para chamar a minha irmã Nan, mais nova do que eu, a um canto.

— Como é que tu conseguiste casar às escondidas e a mim prepararam um casamento-surpresa? — perguntei-lhe.

Dirigiu-me um sorriso rasgado.

— Tens bolo no queixo. — Estendeu a mão e limpou-o, olhou em volta à procura de um guardanapo e depois enfiou o dedo na boca e engoliu o pedaço de bolo.

— Bhlác — disse-lhe.

Encolheu os ombros.

— Pelo menos não lambi os dedos antes. Além disso, a cobertura glacé é boa, seria uma pena desperdiçá-la. E, em resposta à tua pergunta, *eu*

fugi para casar antes que a mãe e a minha nova sogra se matassem. Um casamento-surpresa como este teria resultado em corpos espalhados pelo chão. Prepararam-te um casamento-surpresa porque a mãe, o Bran e... mais algumas pessoas se estavam a sentir culpadas.

— Culpadas? — repliquei. — É preciso ter-se consciência para sentir culpa. Não me parece que a nossa mãe seja capaz disso.

Nan deu risadinhas.

— És capaz de ter razão. De qualquer forma, a cena da aposta não foi culpa nossa; foi tua.

Ergui uma sobrancelha, incrédula.

— Culpa minha?

— Começou quando todos reparámos que ficavas assim, com esse ar petrificado, sempre que discutíamos a questão do casamento, e começámos a engendrar isto porque foi quase impossível resistir.

De facto a minha irmã *tinha-me* feito alguns telefonemas em tom de comiseração. Estreitei-lhe os olhos e ela corou culpadamente.

— A aposta simplesmente acabou por surgir — continuou. — Um dia o pai disse «Aposto que ela foge com o Adam antes da data do casamento.»

— O *pai* alinhou nisto? — Raramente chamava «pai» ao meu padra-to. Não que não o adorasse, mas tinha dezasseis anos quando o conheci, apesar de nessa altura ele e a minha mãe estarem casados há quase doze anos. Comecei a tratar Curt pelo primeiro nome e nunca adquiri o hábito de lhe chamar outra coisa.

— É *claro* que não. — A minha irmã mais nova, Ruthie, apareceu repentinamente com um biscoito na mão. Nan, alta e de feições agradáveis, foi atrás do pai; Ruthie era uma miniatura da minha mãe. O que significava que era minúscula, belíssima e metediça. — O pai ficou chocado quando soube daquilo a que deu início. Eu, a Nan e a mãe fomos as primeiras a apostar, mas o Bran alinhou logo a seguir.

Pegou descontraidamente num copo de ponche da mesa e eu tirei-o das suas mãos e voltei a colocá-lo sobre a mesa.

— Ainda não tens vinte e um anos — disse-lhe.

— Faço no mês que vem — lamuriou-se.

Dirigi-lhe um sorriso afetado.

— Fizeste uma aposta relacionada com o meu casamento. Não tens direito a nenhum favor. — Endireitei-me. Tive uma súbita ideia maravilhosa. — Lobos — disse, e reforcei o meu chamamento fazendo uso dos vínculos com o bando, que só agora começava a dominar. Tão-pouco tive de falar alto. Por toda a igreja, os lobos, com os seus rostos humanos, arrebiteram as orelhas e viraram-se na minha direção. — A minha irmã Ruthie ainda não fez vinte e um anos. Nada de álcool para ela. — Depois,

para o caso de ela não ter percebido, disse-lhe: — Se te aproximares daquele ponche ou de qualquer outro tipo de bebida alcoólica hoje, os meus lobos vão intervir.

Ruthie bateu com o pé no chão e olhou para Nan.

— Espera e verás. Também apostaste, tu. Ela vai vingar-se de ti e depois eu é que vou sorrir. — Pôs-se a andar com um ar ofendido enquanto eu e Nan a observávamos.

Nan abanou a cabeça.

— Pobre desgraçado aquele que um dia ficar com ela.

Soltei uma risada.

— Ele nunca vai saber no que se meteu. O Curt ainda hoje acha que a nossa mãe é um doce de pessoa que precisa da proteção dele, e sente-se perfeitamente feliz com isso. — Lembrei-me tardiamente que deveria estar zangada com ela. Franzi o sobrolho. — Já chega de falar da mãe e da Ruthie. Vais explicar-me como é que passaram de uma aposta para um casamento-surpresa.

— Bem — replicou —, tal como eu disse, a culpa é tua. Quando percebeu o quanto estavas stressada em relação ao casamento, a mãe ofereceu-se para tratar de tudo por ti. — Riu-se da expressão no meu rosto. — Eu sei. É uma ideia aterradora, não é? Mas é óbvio que tu também não ias gostar minimamente de o preparar.

Lançou um olhar pensativo a Bran, que estava a conversar animadamente com o meu padrasto. O meu padrasto era dentista. Bran governava lobisomens. Não queria saber o que tinham em comum que os excitasse tanto.

— Bom, seja como for, começámos a espicaçar-te — explicou Nan — apenas por diversão. E as apostas tornaram-se um bocadinho mais sérias. Assim que o dinheiro em jogo ultrapassou os vinte dólares, os instintos competitivos da mãe sobrepuseram-se aos maternos. A data que a mãe apontou para a tua fuga foi o dia de amanhã. Portanto planeou aquilo das borboletas e dos pombos, mas creio que por essa altura ela começou a sentir-se mal com a possibilidade de te privar de um casamento verdadeiro. Então decidiu planejar o casamento, mesmo sem ti. O que prova que ela deve ter uma consciência, ainda que um pouco subdesenvolvida. Recrutou a Jesse para ser a sua mulher no terreno e organizou este casamento com a eficiência que lhe é habitual. — Nan engoliu uma grande porção de ponche alcoólico e aos seus olhos assomou água.

— Ainda bem que eu e o Todd fugimos para casar — desabafou com sinceridade. — Era impossível impedir a catástrofe. Mas acho que merecias isto, e estou muito feliz por ti. — Inclinou-se e beijou-me na face. A seguir, sussurrou: — Ele é mesmo uma brasa. Como é que conseguiste?

— Fedelha — disse-lhe, e dei-lhe um abraço. — O Todd não é nada de se deitar fora.

Sorriu com ar presunçoso e deu mais um gole.

— Não, não é.

— Podia ser — disse Ben atrás de mim, o seu sotaque britânico a conferir-lhe um ar civilizado que ele não merecia. — Queres que ele seja de deitar fora, querida?

Virei-me, certificando-me de que ficava entre Ben e Nan.

— As minhas irmãs são território interdito — lembrei-o.

Uma espécie de dor assomou-lhe ao rosto, para logo desaparecer. Quando se tratava de Ben, nunca dava para perceber bem se a emoção era genuína ou não — porém os meus instintos disseram-me que tinha sido. Portanto continuei num tom de censura fingida:

— A Ruthie é nova de mais para ti e a Nan está casada com um homem impecável. Por isso, porta-te bem.

Nan também se apercebera da dor que assomara ao rosto de Ben, pensei. Era mais branda do que a minha mãe, mais parecida com o pai em termos de temperamento, bem como de aparência. Não conseguia suportar a ideia de ter à sua frente alguém magoado sem fazer alguma coisa em relação a isso.

Suspirou dramaticamente.

— Tantos homens bonitos, e estou presa a apenas um.

Ben sorriu-lhe.

— Quando quiseres mudar isso...

Dei-lhe uma cotovelada no flanco — podia ter desaparecido, mas não o fez.

— Ok — disse, afastando-se com um medo exagerado. — Eu vou portar-me bem, prometo. Só te peço que não me voltes a magoar.

Falou alto o suficiente para que todas as pessoas à nossa volta pusessem os olhos em nós.

Adam abriu caminho por entre os elementos do bando e despenteou o cabelo de Ben enquanto se colocava ao seu lado.

— Comporta-te, Ben.

O Ben que conhecera pela primeira vez teria rosnado e feito ouvidos moucos à repreensão afetuosa. Este exibiu-me um sorriso rasgado e, virando-se para Adam, disse-lhe:

— Não se o puder evitar.

Eu gostava de Ben. Mas se o apanhasse sozinho num quarto com Ruthie ou Jesse, dava-lhe um tiro sem hesitação. Estava melhor do que quando integrara o bando de Adam, mas ainda assim não era de fiar. Havia uma qualquer parte dele que ainda odiava mulheres, que ainda nos olhava como

presas. Enquanto isso não mudasse, era necessário mantê-lo debaixo de olho.

— Há uma pessoa que gostava que conhecesses — disse-me Adam, fazendo um aceno a Nan.

Pegou-me na mão e passámos pelo enorme bolo de noiva. Era uma coisa bela, com flores azuis e brancas e sinos prateados — e, apesar de ter sido encetado e servido a todos os presentes, continuava enorme. Alguém o tinha encomendado para outro casamento e não o tinha pagado, razão pela qual Jesse — segundo me dissera — conseguira o bolo. Quem quer que o tivesse encomendado originalmente devia estar a planear um casamento muito maior do que este. Percorri com os olhos a cave apinhada e tentei imaginar um casamento maior.

— Depressa — disse-me Adam, e puxou-me até à porta lateral e depois pelas escadas traseiras acima. — Vamos fugir.

Alcançámos o parque de estacionamento sem passar por mais ninguém. O SUV de Adam, ao qual estava inexplicavelmente atrelada uma gigantesca caravana com a extremidade em forma de pescoço de ganso, e que parecia muito maior do que a casa móvel onde vivera até ao último inverno — quando a rainha das fadas a fizera arder —, estava à nossa espera, preparada para uma fuga.

— Qual é a pressa? — perguntei, enquanto Adam me empurrava para o interior do SUV através da porta do passageiro. Depois, entrou e ligou o carro antes de fechar a porta.

— Alguns dos seres feéricos têm uma noção estranha da despedida das noivas — explicou, enquanto eu me acomodava no lugar do passageiro e ele guiava para fora do parque de estacionamento —, onde, segundo o Zee, se inclui o rapto. Decidimos não arriscar a possível reação do Bran no caso de tal coisa acontecer, e o Zee prometeu que ia proteger a nossa fuga até estarmos longe.

— Esqueci-me disso. — E fiquei em choque, porque tinha conhecimento de que isso acontecia. — O Bran e o Samuel provavelmente são um perigo maior do que qualquer um dos seres feéricos — disse-lhe. — Um dia conto-te alguns dos disparates mais espetaculares cometidos em casamentos que o Samuel me relatou. — Alguns deles faziam o rapto parecer suave.

Coloquei o cinto de segurança, ajudei-o a pôr o dele, e voltei a olhar para trás de nós.

— Caso não tenhas reparado, tens uma coisa muito grande presa à parte de trás do teu SUV.

Sorriu-me, os seus olhos límpidos e felizes como nunca os tinha visto.

— E essa é a minha surpresa. Eu disse-te que ia planear a lua-de-mel.

Olhando para a caravana, pestanejei.

— Trazer o quarto de hotel atrás?

Erguia-se acima de nós, mais alta do que o SUV — que já era bem alto —, mais alta e mais larga, com secções nas partes laterais obviamente concebidas para serem destacadas.

— Não tenho dúvida de que é maior do que a minha antiga caravana. Adam olhou por sobre o ombro e deu uma risada.

— É capaz de ser. É a primeira vez que a vejo. O Peter e a Honey levaram o SUV e atrelaram-na.

— É tua?

— Não. Pedi emprestada.

— Espero que não estejamos a ir para nenhum sítio com estradas estreitas e sinuosas — disse-lhe. — Ou para algum parque de estacionamento pequeno.

— Pensei em passarmos a noite numa estação de serviço muito porreira que conheço em Boardman, Oregon — replicou Adam, metendo para a Autoestrada 395 em direção a sul. — Cheiro a *diesel* e barulho de grandes motores para nos acompanhar na nossa primeira noite juntos como marido e mulher. — Riu-se da minha expressão. — Confia em mim.

De facto, parámos em Boardman para tirarmos as roupas do casamento e vestirmos outras. Por dentro, a caravana era ainda mais impressionante do que por fora.

Adam desapertou o bilião de botões do fundo das minhas costas até ao meu pescoço. O bilião de botões dos meus cotovelos até aos meus pulsos teve de esperar. Eram necessárias duas mãos para desabotoar, portanto a única coisa que podia fazer era passar os olhos pela caravana com um tremendo espanto.

— É como um gigantesco *bag of holding*. Enorme por fora, mas ainda maior por dentro.

— O teu vestido? — retorquiu, soando intrigado.

Bufei.

— Que engraçadinho. A caravana. Conheces os *bags of holding*, não conheces? Os itens mágicos espetaculares onde é possível guardar mais coisas do que as que caberiam em sacos do mesmo tamanho?

— Ah, sim?

Suspirei.

— O item mágico da fantasia do *Dungeons and Dragons*. — Estiquei o pescoço para o lado e disse: — Não me digas que nunca jogaste ao *Dungeons and Dragons*. Existe alguma regra que impeça os lobisomens de se divertirem?

Encostou a testa ao meu ombro e riu-se.

— Posso ter nascido na Idade Média — na verdade, tinha nascido na

década de 1950, apesar de aparentar estar na casa dos vinte; quando se é lobisomem, o processo de envelhecimento é interrompido —, mas já joguei ao *Dungeons and Dragons*. No entanto, posso garantir-te que o Darryl nunca cedeu ao divertimento. O jogo dele é o *paintball*.

Por momentos, imaginei Darryl a jogar *paintball*.

— Assustador — murmurei.

— Nem imaginas quanto.

Adam esfregou a sua bochecha na minha e regressou à sua tarefa.

— Podia simplesmente rasgar isto em vez de desabotoar — disse dez minutos depois. Era uma proposta séria, dita numa voz esperançosa mas condenada.

— Faz isso, e depois voltas a coser todos os botões — repliquei. — A Jesse tenciona reutilizar este vestido.

— Em breve? — perguntou.

— Que eu saiba, não.

— De certo modo, isso não é tão tranquilizador como eu gostaria — resmungou.

— O Gabriel vai para uma universidade em Seattle no outono — lembrei-o. — Acho que, por este ano, podes ficar tranquilo. — O meu braço-direito tinha sentimentos pela filha de Adam, e neste momento estava a viver na minúscula casa pré-fabricada que o seguro disponibilizara para substituir a minha velha caravana. Uma situação que os deixava a eles felizes e a Adam inquieto. Adam gostava de Gabriel, mas era um lobisomem Alfa, o que o torna desmedidamente protetor em relação à filha.

Adam acabou por conseguir desapertar os botões. Enquanto eu pendurava o vestido e o punha no roupeiro (sim, a caravana tinha um roupeiro), Adam despiu o smoking e vestiu um par de calças de ganga e uma t-shirt. Não era frequente vestir-se de forma tão informal. Excetuando as alturas em que fazia exercício físico, um par de calças de vinco e uma camisa eram, por norma, a sua vestimenta mais descontraída. A minha t-shirt lavada e as minhas calças de ganga equivaliam, para mim, a estar aperaltada. Eu era mecânica de profissão, e era coisa rara as minhas unhas estarem limpas. Ainda assim, eu e Adam encaixávamos um no outro.

Comprou batidos de leite e hambúrgueres (um para mim, quatro para ele) num restaurante ali perto, encheu o depósito de gasóleo e voltámos a fazer-nos à estrada.

— Estamos a ir para Portland? — inquiri. — Ou para as Cataratas Multnomah?

Sorriu-me.

— Vai dormir.

Esperei três segundos.

— Já chegámos?

O seu sorriso expandiu-se, e o último resquício da sua habitual tensão desapareceu-lhe do rosto. Era um sorriso pelo qual... eu faria qualquer coisa.

— O quê? — retorquiu.

Inclinei-me e encostei a minha face ao seu braço.

— Amo-te — disse-lhe.

— Sim — concordou presunçosamente. — Amas.

O Desfiladeiro do Rio Columbia é uma garganta que se estende aproximadamente quinze quilómetros através da Cordilheira das Cascatas, na base do qual corre o Rio Columbia. Constitui parte da fronteira entre Washington e o Oregon. A maior parte da viagem é feita na autoestrada principal no lado do Oregon, mas existe uma autoestrada no lado de Washington que atravessa o grosso da extensão do desfiladeiro. Embora a parte ocidental do desfiladeiro corresponda a uma floresta tropical temperada, a secção oriental é constituída por uma estepe semiárida com bromos-vassoura, artemísias e assombrosos penhascos em basalto que por vezes formam diáclases.

Adam saiu da autoestrada em Biggs e meteu pela ponte sobre o Columbia no sentido de Washington. Essa ponte é uma das minhas preferidas de sempre. O rio é largo, tem cerca de quilómetro e meio, e a ponte desenha-se graciosamente em arco até à cidade de Maryhill.

Foi fundada pelo homem de negócios Sam Hill, em inícios do século XX. Visionara uma paradisíaca comunidade agrícola assente na ideologia *Quaker*³ e dera à cidade o nome da sua mulher, Mary Hill. Suspeito que ela tivesse gostado mais da ideia se a cidade não ficasse no meio do deserto com cerca de cinco centímetros de solo arável. Pouco resta da cidade — alguns pequenos pomares, uma ou outra vinha e um parque de campismo gerido pelo Estado —, atributos que não fazem de Maryhill um sítio propriamente especial.

Mas Sam Hill não se ficara pela cidade. Construíra o primeiro monumento de homenagem aos mortos da Primeira Guerra Mundial, uma réplica em tamanho real do Stonehenge, visível da autoestrada do lado do rio onde fica o Oregon.

No entanto, virámos para oeste logo a seguir a atravessarmos a ponte, afastando-nos do Stonehenge e de Maryhill. Após dez ou quinze minutos em que seguimos por uma via rápida estreita que abria caminho através da

³ Movimento criado por George Fox, em 1652, com o propósito de restaurar a fé cristã original, após séculos de apostasia. (*N. do T.*)

estepe do Desfiladeiro do Rio Columbia, chegámos a um parque de campismo. Apesar de se encontrar impecavelmente tratado, não tinha ninguém no seu interior. Adam parou na rampa de entrada, retirou um cartão do porta-mapas e passou-o na caixa de leitura ao lado do portão. Uma luz verde piscou e o portão abriu de par em par.

— Temos o terreno só para nós — disse Adam. — Fui responsável por parte da instalação dos sistemas de segurança aqui, e eles disseram-me que podíamos ficar apesar de só abrir oficialmente na próxima primavera. Tenho a certeza que o chuveiro da caravana funciona, mas os que estão ali nos lavabos são muito maiores.

Percorri com os olhos o parque de campismo, onde carvalhos e áceres altos davam sombra aos espaços em gravilha destinados às caravanas. As árvores grandes não eram comuns nesta parte do Estado, à semelhança da erva muito verde — alguém passara muito tempo a cuidar delas.

Adam estacionou num lugar a meio caminho entre os lavabos em pedra e o rio. Dei por mim a olhar de sobrolho franzido para uma das árvores. Devia ter uns cinco metros de altura, as suas raízes enterradas bem fundo na terra onde não perturbariam o terreno bem tratado.

— Dez dias — disse-lhe.

Ele sabia como funcionava a minha mente.

— O Zee está a olhar pela oficina — replicou. — O Darryl e a companheira dele estão a tomar conta da Jesse, que antes de nós partirmos me disse que não precisava de *babysitter*.

— Ao que tu respondeste que eles eram guarda-costas, não *babysitters* — disse eu. — Mas ela argumentou que os guarda-costas não costumavam dizer às pessoas sob a sua guarda a que horas tinham de estar em casa.

— E tu nem sequer estavas presente na discussão — disse Adam, revelando admiração. — O Darryl interveio e disse «A família costuma». E a coisa acabou por ali. Portanto, o que mais te está a preocupar?

— O Stefan — respondi. — Pedi ao Warren que lhe fizesse uma visita, mas...

— Eu tive uma conversa com o Stefan — disse Adam. — Ao contrário de ti, a minha consciência não me impediu de lhe dizer que precisava de aumentar o seu rebanho. Um dos problemas dele é que não quer sair para caçar, e não pode deixar o rebanho sozinho. O Ben ofereceu-se para vigiar as pessoas à sua guarda e o Warren deverá partir amanhã para Portland juntamente com o Stefan. Mais alguma coisa?

— Dez dias — respondi, dirigindo-lhe um amplo sorriso. — Dez dias de férias contigo. Sem interrupções.

Adam inclinou-se e beijou-me — e essa foi a última vez que me precepei com o que quer que fosse durante algum tempo.

Nadámos no rio — melhor dizendo, eu nadei e Adam avançou a custo com a água à altura do peito, uma vez que os lobisomens não sabem nadar. A sua massa muscular é demasiado densa para boiar, pelo que vão ao fundo como âncoras.

O parque de campismo foi construído ao lado de um remanso de dimensão razoável, cuja corrente era suficientemente forte para a água não estar estagnada mas suficientemente fraca para ser um excelente local para nadar. A colocação estratégica de zambujeiros e uma seleção de plantas da dimensão de arbustos cujo nome eu não sabia, bem como uma cascata com cerca de três ou quatro metros de altura, proporcionavam uma sensação de privacidade a quem estava na zona de banhos. A temperatura subira para perto dos trinta e oito graus centígrados, portanto a água estava mesmo boa.

Atirámos água um ao outro e mergulhámo-nos como duas crianças, e eu ri-me até me ver obrigada a sair da água e sentar-me na margem para recuperar o fôlego.

— Cobarde — disse Adam, do rio, as suas mãos logo abaixo da superfície onde reunia as condições ideais para me atirar água.

— Não sou cobarde — afirmei, arquejando enquanto o sol me secava o cabelo, a pele e o fato de banho.

— Então o que é que estás a fazer aí em cima? — perguntou.

Abri os olhos amplamente e pestanejei.

— A observar a vida selvagem. — Baixei o olhar na direção do seu torso, onde se exibiam toda a espécie de belos músculos. Os lobisomens raramente estão fora de forma, mas Adam tinha um corpo ainda mais definido do que o do lobisomem comum. — É uma bela vista — ronronei.

Emitiu um som suave, e quando levantei o olhar, os seus olhos estavam incandescentes.

— Sou forçado a concordar — disse, saindo da água com uma intenção em mente.

Soltei um pequeno guincho e pus-me de pé, a rir — e algo na água, atrás dele, prendeu-me a atenção. Adam virou-se para ver aquilo em que me detivera, mas tinha desaparecido. Talvez tivesse sido um toro a flutuar um pouco abaixo da superfície, pensei. Era difícil avaliar o tamanho àquela distância, mas era demasiado grande para ser um peixe.

Antes de as comportas das barragens serem fechadas, alguns dos esturjões adquiriam dimensões incríveis, para cima dos três metros e meio, a fazer fé nas palavras de Zee. O que quer que eu vislumbrara era maior do que isso. Mas agora tinha desaparecido, e distraíra Adam da sua caçada.

Estava a olhar para trás de si. Aproveitei-me da sua distração momentânea e parti de imediato rumo à caravana.

Os lobisomens são rápidos. Talvez não tão rápidos quanto uma chita, mas mais rápidos do que os lobos cinzentos norte-americanos ou os cães. Eu também sou bastante rápida. Mais rápida do que a maior parte dos lobisomens que conheço — portanto é possível que não estivesse a correr à máxima velocidade que conseguia. Ou talvez o sexo incite o macho de qualquer espécie a superar-se. Seja como for, Adam apanhou-me antes de eu alcançar metade do percurso. Sem abrandar, lançou-me para cima do seu ombro e percorreu o resto do caminho a correr enquanto eu me ria como uma tonta e me esforçava por respirar. Pressionou-me contra a parte lateral da caravana e certificou-se de que eu não me importava de ter sido capturada.

Numa altura que não sei precisar, entrámos na caravana e deitámo-nos sobre a macia cama de casal feita com lençóis novos e lavados — aliás, toda a caravana cheirava a novo. Caravanas como esta eram caras. Quem é que lhe emprestaria uma caravana nova em folha?

Também esse pensamento me abandonou, e quando terminámos, estava tão quente e suada como estivera antes do meu primeiro mergulho no rio, o nosso cheiro preenchia a caravana e Adam estava a dormir.

A união de dois seres como nós é muito mais permanente do que o casamento. Em parte, penso, isso deve-se ao facto de que quando se encontra o nosso parceiro, ele não vai ser alguém de quem precisamos de nos divorciar. Os maus-tratos são quase uma impossibilidade quando duas pessoas estão ligadas por um vínculo de parceiros, e este dá-nos um conhecimento do nosso parceiro que nos permite evitar as discussões mais acérrimas que criam um efeito bola de neve até ao mais glacial distanciamento. E em parte

deve-se ao facto de ser mais difícil lidar com a magia do que com a papelada jurídica, e o vínculo de parceiros é feito através da magia do bando.

Considerando isso, na verdade não alimentara a expectativa de que o casamento propriamente dito viesse a ter grande importância para mim.

— Gosto que uses o meu anel — disse Adam, os seus olhos amarelos e reluzentes espreitando por entre as pálpebras semicerradas. Por vezes, num vínculo de parceiros, um dos elementos tem um acesso mais preciso ao que o outro está a pensar ou sentir. Adam parecia estar a reagir ao que me passara pela cabeça, enquanto eu permanecia na escuridão. — Gosto da ideia de as pessoas poderem olhar para ti e saberem que estás comprometida, que és minha. — Fechou os olhos e riu-se. — E sim, eu sei que a manifestação dos sentimentos está no topo da lista de coisas que não se devem fazer a uma mulher, segundo o Movimento de Emancipação da Mulher.

Algo estava a incomodá-lo, pensei. A última frase fora dita de forma um tanto tensa.

— Hmm — disse, rolando de modo a lambe-lhe uma gota de suor do peito. Sabia a Adam. Quem é que precisava de champanhe? — É bom que não tires o teu anel sem que tenhas uma boa razão para isso — disse-lhe, pondo a descoberto a coiole dentro de mim. Talvez precisasse de saber que a sua possessividade era correspondida, em dose generosa. — E se a tua ex-mulher ou qualquer mulher minimamente atraente entre os treze e os setenta anos estiver por perto, é bom que percebas que *não* existe nenhuma razão suficientemente boa para tirares o anel.

Riu-se, e eu voltei a rolar, até ficar completamente sobre ele.

Ainda não tinha descortinado o que o estava a incomodar. O nosso vínculo estava a falar com ele, mas não me permitia vislumbrar nada do que se estava a passar atrás dos seus olhos — que haviam escurecido novamente. É esse o problema da magia. Começamos a contar com ela e desaparece-nos de debaixo dos pés, deixando-nos ainda mais à toa do que quando não tínhamos acesso a ela. Portanto, a única coisa que tinha ao meu dispor era o que a maior parte das outras mulheres tinha de usar para interpretar os estados de espírito dos seus companheiros.

Conhecia Adam há mais de dez anos — também conhecera a sua ex-mulher, Christy. Talvez o problema dele radicasse no seu primeiro casamento. A questão da liberdade pessoal fora muito importante para ela — desde que fosse a sua liberdade. Sentia ciúmes do bando; e, na minha opinião, também de Jesse, a filha deles. Não o amava, mas quisera ser o centro do mundo dele e não tolerava que assim não fosse.

Talvez Adam sentisse que estava a tentar fazer-me isso. Talvez ambos precisássemos de tornar a atmosfera um pouco mais leve, de nos darmos tempo para lidar com as mudanças.

Mordisquei-lhe a orelha.

— Se fosse socialmente aceitável tatuar o meu nome na tua testa, eu fazia isso.

— Só vejo a minha testa quando me vejo ao espelho — disse ele. — Vejo a minha mão com muito mais frequência.

— Não seria por ti — repliquei. — Tu sabes a quem pertences. Seria para todas as outras mulheres. Nada mais justo do que avisá-las que o gesto errado as pode vir a magoar. Esta coioite tem presas.

O seu peito vibrou debaixo de mim, sem soltar por completo a risada. Relaxou subtilmente.

— Se sentes que estás a ser muito primitivo em relação a isto, é mais do que justo saberes que eu também me sinto primitiva — informei-o suavemente.

Depois rolei de cima dele e para fora da cama. Pontapeei para longe o meu fato de banho, agora frio e húmido.

— No entanto, devo informar-te que *eu* não posso trabalhar na oficina usando o anel, a menos que queira passar a ser conhecida como a Mercy dos Nove Dedos. E — coloquei os dedos na pegada de coioite logo abaixo do meu umbigo —, tendo feito todas as tatuagens que tencionava, não vou tatuar o teu nome na minha testa ou coisa que se pareça.

Adam pulou da cama e encaminhou-se para a sua mala. Abriu o fecho do bolso de fora e retirou uma caixa chata, que me entregou.

Abri-a e no seu interior estava uma corrente de ouro grossa com uma *dog tag*⁴ maltratada. Da última vez que a tinha visto, era uma de duas na mesma corrente de aço pousada na cómoda de Adam.

— Isso é para pores o teu anel quando estiveres a trabalhar — disse Adam, tirando a corrente das minhas mãos e colocando-a à volta do meu pescoço. Enquanto a apertava, beijou-me na parte de trás do pescoço. Permaneceu ali por momentos, com os dedos a apertar o colar.

Dera-me uma das suas *dog tags*. Nunca fui soldado, mas sou conhecedora de História. Sei por que razão começaram a usar duas *dog tags*. Quando um homem morria e os seus companheiros não tinham possibilidade de transportar o cadáver consigo, deixavam uma *tag* no corpo para que quem o descobrisse o pudesse identificar. A outra era usada para comunicar a sua morte.

Aquela *dog tag* significava mais para ele do que o anel — e portanto também significava mais para mim. Entretanto, reparei que a corrente era suficientemente resistente para a poder usar enquanto corresse na forma de coioite.

⁴Plaquetas de identificação usadas por militares. (*N. do T.*)

— Preciso de ir correr — disse-me, dando um passo atrás e dando-me uma palmada ao de leve no meu traseiro nu. Os seus dedos demoraram-se na minha pele, avaliando as ligeiras cicatrizes provocadas por chumbo grosso, resultantes de um episódio em que me aproximara um pouco mais do que devia de um rancheiro propenso a disparar sem grandes hesitações. — Queres vir?

— Corrida longa ou curta? — perguntei ponderadamente. Os lobos adoram correr, mas poucos gostam de correr como Adam.

Enquanto considerava a minha pergunta, vestiu roupa interior, calções de corrida e um par de peúgas e calçou umas sapatilhas.

— Longa — respondeu, soando um pouco surpreendido. — Estou um bocado enervado com uma coisa... — Deixou a voz emudecer e dirigiu-me um ligeiro sorriso, quase tímido. — Os instintos dos lobos são bons, mas por vezes é difícil percebermos o que nos está a mexer com os nervos. Correr ajuda a estabelecer a ligação entre o lobo frontal e o rombencéfalo.

— Isso ajuda? — perguntei com uma ânsia súbita. Se havia coisa que me irritava, era saber algo e não fazer ideia de onde vinha.

Riu-se.

— Às vezes. Outras vezes simplesmente fico cansado ao ponto de não querer saber. Ficas?

— Estou a sentir-me extremamente mole — disse-lhe. Perceberia melhor o que estava a sentir sem a minha presença. — Vou ficar por aqui. Mas é bom que vistas uma t-shirt, senão a tua beleza ainda causa um acidente se fores correr junto à estrada e alguém te vir. — Sorriu em resposta às minhas palavras; julgo que pensou que eu estivesse a brincar. — Vou tomar um duche e ler até voltares. Nessa altura podemos pensar na comida, em prepará-la ou em caçá-la.

Hesitou.

— Adam — disse-lhe —, estamos no meio de nenhures. Ninguém que me odeie sabe onde nós estamos, a menos que tenhas pedido esta caravana emprestada à Marsília. Vai lá correr. Eu vou estar aqui à tua espera quando voltares. Prometo.

Lançou-me um dos seus olhares avaliadores e depois saiu, fechando a porta da caravana atrás de si num gesto suave.

O chuveiro da caravana não era péssimo. Estava a contar com algo que só os pigmeus conseguiriam usar, mas não era mau. Ainda assim, não fazia qualquer tenção de o usar, não com os chuveiros do parque disponíveis.

Os chuveiros dos parques de campismo eram, por norma, primitivos.

Já usei chuveiros de parques de campismo que apenas tinham água fria, não possuíam cortinas entre cada chuveiro, e, nalguns casos, que me faziam sentir mais suja do que antes de me lavar neles. Os chuveiros deste parque eram algo completamente diferente.

Todo o edifício estava equipado com sistema de ar condicionado, regulado numa temperatura fresca e civilizada, em comparação com o exterior. O chão era em ardósia. Os espelhos nos lavabos tinham caixilhos entalhados à mão. O tampo do balcão era uma placa de mármore azul-escuro que contrastava admiravelmente com as torneiras acobreadas. Havia quatro cabines de duche, nas quais o tema da ardósia e dos elementos acobreados continuava.

Nunca tinha visto um sítio assim num parque de campismo — nem mesmo num hotel. A água que jorrava da gigantesca cabeça do chuveiro instalado no teto era quente e lavou-me o suor do cabelo e a preocupação com Adam dos ombros. Permaneci muito tempo na cabine, e a temperatura da água manteve-se inalterável.

Quando estava enrugada e relaxada, vesti uns calções feitos a partir de umas calças de ganga cortadas e uma t-shirt que tinha estampada a imagem de uma casinha degradada. Na legenda lia-se: «Bem-vindos, ladrões. Por favor não deem de comer aos lobisomens.» Jesse mandara-a fazer para mim.

No caminho de regresso à caravana, o sol secou-me a água do cabelo. Entrei na caravana, retirei o meu livro da mala e saí novamente para me deitar na relva e ler até ao regresso de Adam.

Estava a correr há muito tempo.

Li cerca de quinze minutos, altura em que o som de algo a roçar no chão me distraiu da história. Olhei para cima, mas a única coisa que vi foram pássaros e insetos.

Voltei a concentrar-me na página que estivera a ler até escutar novamente o ruído. Parecia que alguém estava a esfregar as solas dos sapatos num chão pavimentado cerca de três metros à minha frente, todavia não estava ninguém na estrada. Inspirei fundo, procurando farejar alguma coisa — a minha audição é boa, mas o meu olfato é melhor.

Estava à espera de sentir o odor de uma toupeira ou de uma marmota, algo que pudesse estar a fazer barulho sem ser visto. Em vez disso, o ar trouxe consigo o cheiro a couro curtido, fumo de fogueira, tabaco, e o odor distinto de um homem desconhecido. Pousei o livro e levantei-me.

Depois de dar uma volta completa sobre mim mesma sem vislumbrar nada, senti um arrepio familiar na nuca.

Sou uma caminhante. Isso significa, basicamente, que me posso transformar em coioete sempre que desejar. Nesse estado, fico com uma

audição e um olfato mais apurados do que o resto da população humana. Torno-me veloz — e sinto a presença de fantasmas que outras pessoas não sentem.

Andava um fantasma por aqui. Não conseguia vê-lo, mas conseguia senti-lo — e cheirá-lo.

O som de algo a raspar no chão regressou e, com o Sol a pino, caminhei na direção da estrada em asfalto, de onde parecia vir o som.

Um falcão crocitou, apesar de não haver no céu quaisquer aves predadoras. Não fui a única a ouvi-lo, uma vez que os cantos das aves que me vinham fazendo companhia enquanto lia terminaram. Talvez se tratasse de um falcão verdadeiro, mas os meus instintos estavam convencidos de que não era, apesar de a maior parte dos fantasmas que tinha visto serem humanos.

Os ruídos eram agora cadenciados, quase como uma polca muito lenta. Ruído-ruído, pausa, ruído-ruído, pausa. O odor tornou-se mais intenso — e consegui distinguir mais um. Coiote.

Devo ter permanecido ali três ou quatro minutos enquanto o som de dança se tornava mais nítido, até o ver. O que distingui em primeiro lugar foi o couro que usava; o resto era vago e como que evocativo dos sonhos. Porém, as extremidades das suas mangas, onde se via um padrão de penas, e a parte exterior das suas perneiras, eram bastante nítidas e distintas.

As vestes de couro não eram aquelas que habitualmente se via nos feiticeiros índios. Na maior parte dos casos, essas eram impecáveis. Roupas bonitas, brilhantemente coloridas e confeccionadas à mão para ocasiões especiais.

Estas vestes de couro pareciam ter sido usadas tempo suficiente para lhe encaixarem como uma segunda pele. O tecido estava puído na parte interior das pernas, como se tivesse andado muito a cavalo. O couro estava mais escuro debaixo dos braços e na parte mais delgada das suas costas, onde o suor resultante da sua dança se teria concentrado. Usava um cinto com motivos feitos de cálamo de penas de ave, de cuja parte lateral baloiçava livremente a cauda de um coiote. As cores dos motivos estavam desbotadas e a cauda de coiote um pouco esfarrapada.

Comecei a ouvir a música ao som da qual ele dançava, sem percussionistas místicos ou flautistas. Era ele o músico, fazendo-se acompanhar da sua própria canção, uma melodia nasalada e sem letra que ressoava nos meus ossos. Mais ou menos na mesma altura, consegui ver-lhe as mãos. Eram as mãos de alguém que tinha um trabalho duro, as mãos de um rancheiro, calejadas e cheias de cicatrizes. As mãos de um homem, mas não de um homem velho. Um dos dedos tinha partido e estava torto.

O seu cabelo pendia em duas espessas tranças rematadas com um laço de couro vermelho, e que terminavam logo abaixo das omoplatas. Reconheci alguns dos passos de dança dos dois ou três cerimoniais mágicos índios a que assistira na faculdade, quando ainda andava a tentar descobrir o meu legado. À medida que dançava, foi-se tornando cada vez mais real aos meus olhos e a todos os meus outros sentidos. Até ao momento em que, não fora ter-se dado o caso de o ter visto materializar-se lentamente, eu ter sido capaz de jurar que estava na presença de uma pessoa viva, apesar de manter a cabeça desviada de mim e portanto apenas ter vislumbres dos seus traços.

O ritmo da sua dança passava de furioso a dolorosamente lento, para logo a seguir regressar ao modo original. Em todos os passos, o seu peso estava concentrado nas pontas dos pés — tratava-se de uma dança de guerreiro, cheia de poder e magia e a promessa de violência. No entanto, guerreiro era o que ele era, e a natureza do dançarino não impedia que a dança fosse uma jubilosa celebração.

O fantasma parou de dançar de costas voltadas para mim, todo o seu corpo a esforçar-se por recuperar o oxigénio que perdera durante a dança. Perguntei-me há quanto tempo teria executado a sua dança em carne e osso e por que razão o fizera aqui.

— Ei — disse eu, num tom de voz suave.

Há fantasmas que se limitam a repetir momentos importantes das suas vidas. Tinha praticamente a certeza de que este era um deles porque os fantasmas com consciência de si, capazes de agir independentemente, são mais raros — e tendem a interagir de imediato. Este tinha todos os traços distintivos de um repetidor; aquela dança, plena de paixão e emoção, aparentara ter sido executada num momento essencial da vida de alguém.

No entanto, a minha voz fez com que os ombros dele enrijecessem. Depois virou-se lentamente na minha direção até eu deparar com o rosto de um homem que nunca conhecera, cujo rosto me era tão familiar como aquele para o qual olhava no meu próprio espelho, apesar de dele só ter uma fotografia a preto e branco retirada de um jornal onde era anunciada a sua morte.

O meu pai.

Não consegui falar, não consegui respirar. Senti que alguém me cingira o diafragma, não permitindo que os meus pulmões funcionassem.

Fixou-se em mim, sério. De forma lenta, quase cerimoniosa, saudou-me inclinando a cabeça. Em seguida, transformou-se em coioote com a mesma facilidade e rapidez que eu. Estranhamente, o coioote parecia mais sólido do que o homem. Fitou-me com o mesmo olhar destemido que os-

tentava na forma humana. Depois, sem aviso, abalou e meteu-se por entre os arbustos a dez metros dali.

Na fotografia, o meu pai usava as vestes de um *cowboy* de rodeio — calças de ganga, camisa de manga comprida com o corte típico do Oeste americano e um chapéu de *cowboy*. A minha mãe, uma adolescente tentando libertar-se de pais austeros, conhecera-o num rodeio quando era mais nova do que Jesse. Não tinha tido possibilidade de lhe dizer que estava grávida antes de ele ter morrido num acidente de carro. À minha mãe, dissera que se chamava Joe Velho Coiote.

Nunca tinha visto o fantasma do meu pai. Não tinha vindo ao meu encontro quando eu abandonara Montana, fugindo do único lar que alguma vez conhecera. Não tinha vindo ao meu encontro quando completei o ensino secundário ou o universitário. Não tinha vindo quando lutara pela minha vida contra criaturas feéricas e demónios e toda a espécie de criaturas sinistras. Não tinha vindo ao meu casamento.

Pus-me à procura de pegadas. Podia sentir-me bastante segura do meu conhecimento dos lobisomens, marginalmente confortável com o que sabia sobre vampiros. As criaturas feéricas são outra história — e sabia que havia outras coisas sobre as quais nada sabia, algumas delas invulgares, algumas delas simplesmente bem escondidas.

Tinha a certeza que aquilo que vira fora um fantasma até ter um momento para me perguntar como é que o meu pai, que morrera a centenas de quilómetros, na parte oriental de Montana, teria chegado aqui. Tinha-se transformado num coiote, uma capacidade igual à minha, e desaparecera por entre os arbustos. A maior parte dos fantasmas não precisa de fugir; simplesmente dissipa-se. Porém, não havia nenhum rasto — e eu sei como seguir um rasto. Nem mesmo na terra mole em frente aos arbustos por entre os quais desaparecera.

Fiquei com pele de galinha apesar de estar calor.

— Então não achas que foi um fantasma? — perguntou Adam, após o que deu uma enorme trinca no seu cachorro-quente.

A caravana tinha um fogão e um forno, mas ao lado do nosso lugar havia um buraco no chão para fogueiras e uma grelha, que decidimos usar para assar salsichas de modo a fazermos cachorros-quentes. Adam corraera até ao anoitecer, passara na caravana e dera-me um beijo suado antes de pegar em roupa lavada e numa toalha e se dirigir para os chuveiros.

Quando regressou, eu já tinha feito uma fogueira e preparado a comida para colocar na grelha.

Havia cadeiras de campismo presas à traseira da caravana, mas mes-

mo assim sentámo-nos no chão, um ao lado do outro. Se não tivesse reparado que estávamos a cozinhar mesmo ao lado da Caravana Behemoth⁵ e sentados num relvado bem tratado, podia fingir que estávamos, de facto, a acampar. Isto era uma espécie de «versão partes boas» do campismo. Era capaz de me habituar a isto.

— Hum — respondi, depois engoli em seco para conseguir falar. — Eu não disse isso, exatamente... Afinal de contas, o meu pai está morto. Se era o meu pai, era um fantasma. Mas se calhar era outra coisa qualquer. Existem histórias sobre a população sobrenatural índia, mas muito do conhecimento antigo perdeu-se quando o governo tentou integrar as tribos na cultura euro-americana. Uma boa porção do que é conhecido foi inventada. Ninguém conta uma história fantástica como um índio, e já ninguém sabe ao certo quais é que são as histórias antigas e as inventadas.

Charles, o filho meio-índio de Bran nascido algures no início do século XIX, podia ter lançado alguma luz sobre o assunto — todavia, para minha imensa frustração, raramente falava das suas raízes ameríndias. Talvez o pudesse ter forçado a falar no assunto, mas Charles era uma das pouquíssimas pessoas que me intimidavam verdadeiramente. Portanto, mesmo na altura em que andava a investigar essa metade da minha história familiar, nunca o tinha incitado muito, por mais que gostasse de o ter feito.

— Achas que pode ser sido um espírito local qualquer a imitar o teu pai? — perguntou Adam.

Terminara o seu cachorro-quente e estava a preparar outro. Gostava das salsichas tostadas por fora — eu gostava delas apenas quentes.

De olhos postos na minha salsicha que começava a aquecer, tentei fingir que conseguia acreditar nisso.

— Talvez. Talvez exista uma espécie de sósia esquisito que apareça a outras pessoas, ou um prenúncio de morte invertido, que aparece depois de um homem morrer em vez de aparecer antes.

Adam espetou a cabeça na minha direção e depois abanou-a.

— Se achasses mesmo que tinha sido uma criatura nativa, já estavas a telefonar ao Charles.

Adam tinha razão. Se Charles achasse que eu estava mesmo em sarilhos, ajudaria de todas as formas que pudesse. Podia ser assustador, mas era família. Mais ou menos.

Adam dirigiu-me um olhar manhoso.

— O que se passa é que não gostas da ideia de o teu pai te ter visitado sem saberes o motivo.

⁵ Criatura fantástica de dimensão gigantesca descrita na Bíblia, mais precisamente no *Livro de Jó*. (N. do T.)

E o motivo pelo qual Joe Velho Coiote não aparecera mais cedo.

Que diabo, disse dentro de mim. Eu era mais esperta do que isso. Um fantasma não era uma pessoa; era apenas os restos. Aquele fantasma podia ser o do meu pai, mas *não era* o meu pai.

Ele tinha morrido antes de eu nascer. Mas eu não tinha sofrido. Fora criada por Bryan e Evelyn, os meus pais de acolhimento, e eles tinham-me amado. Quando eles morreram, Bran e o resto do seu bando tinham intervido — e depois a minha mãe. Nunca tinha sido mal-amada, maltratada. Era uma adulta — portanto, porque é que a visão de um fantasma que se parecia com o meu pai me deixara tão abalada?

— Ok — disse-lhe. — Sim, tens razão. Se ele me podia ter visitado em qualquer altura, porque é que não o fez? Porquê agora, que não preciso dele? — Preferia ter acreditado que não tinha sido o meu pai.

Adam pôs o braço à minha volta.

— Talvez tenha sido uma espécie de demanda de visão⁶ sem a parte do jejum.

Abanei a cabeça.

— Não. Já fiz a minha demanda de visão.

Recuou, de modo a poder ver o meu rosto.

— A sério?

— Hum — repliquei. — Foi no verão em que o Charles me ensinou a reparar carros. Um dia ele levou-me para a floresta. Jejuámos durante três dias, depois ele disse-me para não me transformar em coiote e mandou-me para as montanhas.

— O que é que viste? — perguntou Adam. — Ou é secreto?

Resfoleguei.

— É sagrado, não secreto, acho. — Apesar de Charles ter sido a única pessoa a quem contara o que vi. — Mas a minha visão foi muito esquisita. Perguntei ao Charles se tinha feito algo de errado, e ele limitou-se a dirigir-me aquele olhar... — Tentei imobilizar a cara numa máscara despida de qualquer emoção, mas de certo modo assustadora. E Adam exibiu um sorriso rasgado.

— O que é que ele disse quando lhe fizeste essa expressão? — perguntou.

Só um idiota seria capaz de gozar Charles na cara. Adam conhecia-me tão bem.

⁶ Rito de passagem para a idade adulta nalgumas culturas ameríndias. Nele, o sujeito é largado no mundo selvagem para embarcar numa demanda pessoal de natureza espiritual. Nessa demanda, em que o jejum é um requisito, um guardião aparecer-lhe-á na forma de visão e indicar-lhe-á o caminho de regresso à tribo, onde poderá definir o seu trajeto em função do que experienciou. (*N. do T.*)

— Perguntou-me se eu tinha comido alguma coisa que me tivesse feito mal — respondi. — Mas virou a cabeça, por isso não lhe consegui ver a expressão. Acho que ele é capaz de ter sorrído.

Adam riu-se.

— Ora, voltando à tua visão...

— Certo — disse-lhe. — A minha visão foi um pouco... O Charles disse-me que não havia uma forma certa ou errada de ter uma visão. Simplesmente acontecia. Depois falou-me de um tipo qualquer que tinha tido uma visão e descoberto que conseguia falar com espíritos. O Espírito do Alce foi ter com ele e disse-lhe que tinha de servir ao Espírito do Alce e que, para isso, só se podia vestir de amarelo. Ou talvez fosse de azul. Então o tipo fez isso durante uns anos, até lhe aparecer o Espírito do Urso e dizer que tinha falado com o Espírito do Alce e concluído que era ao Espírito do Urso que devia dar ouvidos. Então o Espírito do Urso disse-lhe para pintar a cara de vermelho e andar às arrecuas. Quando o avô do Charles, o feiticeiro, conheceu este homem, ele já andava às arrecuas há imensos anos. O avô do Charles ouviu a história do homem e disse-lhe: «O facto de conseguires ouvir espíritos não quer dizer que tenhas de lhes obedecer.» Quase me tinha esquecido de que o Charles tinha partilhado essa história comigo. Suspeito que tenha sido um sinal do quanto eu tinha ficado perturbada por não ter tido o tipo de visão de que estava à espera... com águias e veados que me guiassem pelo caminho da iluminação.

— O que é que aconteceu? — perguntou Adam.

— A tua salsicha está a arder — disse-lhe.

Retirou a coisa negra da grelha e, ao bater com ela no chão, a salsicha acabou por se desfazer em pedaços. Pegou noutra e pô-la ao lume enquanto eu comia o meu cachorro-quente.

— Mercy, o que é que aconteceu ao tipo que caminhava às arrecuas?

— Lavou a cara e começou a caminhar para a frente. Depois de ter dado cerca de cinco passos, tropeçou e partiu uma perna.

— Estás a inventar — disse Adam, retirando a sua salsicha do lume para a inspecionar. Não estava tostada, por isso voltou a colocá-la na grelha.

Levantei a mão.

— Palavra de escuteiro. Essa foi a história que o Charles me contou. Se não consegues perceber se estou a mentir ou não, podes perguntar-lhe. — Isso, para um lobisomem, era uma espécie de rabeçada. Só um lobisomem muito jovem não tinha a capacidade de distinguir a verdade da falsidade. — No entanto, o Charles disse que o homem nunca mais voltou a caminhar às arrecuas.

— Tens de ser um rapaz para dizeres «Palavra de escuteiro» — replicou Adam.

— Nã-nã. Tens à tua frente uma líder de um grupo de escuteiras. — Aponte para o peito com o polegar. — Mais ou menos. Quando a minha mãe não podia. Bom, adiante. Querias saber da minha visão.

— Sim.

Abri a boca para lhe contar uma versão engraçada, mas o que saiu foi diferente daquilo que eu tencionava.

— Num momento estava sozinha no meio da floresta, e no seguinte estava a caminhar num sítio diferente. Era tudo cinzento, quase como um filme a preto e branco, com a diferença de que não havia preto nem branco, apenas tons de cinza. Não havia erva nem árvores, só infundáveis montículos de terra. Transmitia a sensação de... vazio. Como aqueles filmes de terror pós-apocalípticos, sabes? Vazio mas assustador, também.

Experimentei as mesmas sensações da altura: o aperto no peito que me dificultava a respiração, o arrepião na nuca por saber que o mal estava escondido, à espreita.

Adam retirou a salsicha do lume, mas em vez de a comer, espetou a extremidade embotada do garfo no chão, que se erguia como um bizarro ornamento de jardim. Depois puxou-me contra si e a minha tensão amainou, permitindo-me voltar a respirar normalmente.

— Desculpa — disse-lhe. — Não estava à espera que me incomodasse tanto.

— Não tens de me contar.

— Não — retorqui. — Eu quero contar. — Parecia-me ser a coisa certa. Charles tinha-me dito que quando chegasse a altura certa de partilhar o que me tinha acontecido, eu perceberia. Algumas pessoas viram-se obrigadas a relatar a sua experiência a todas as pessoas que conheciam, mas a maior parte de nós apenas a partilhou com poucas pessoas. — Portanto estava a caminhar naquele sítio desolador. A única coisa que conseguia ver para além de areia eram vestígios de edifícios. No início, alguns dos edifícios eram modernos: estruturas altas feitas de vidro e aço. Nesses, o vidro estava rachado ou partido e o aço quase completamente enferrujado. À medida que ia caminhando, as ruínas que vi eram de edifícios mais antigos, casas. Lembro-me claramente de ver o que restava de uma antiga casa vitoriana, estranhamente inclinada, como se fosse uma casa de bonecas gigante a quem uma criança tivesse dado um pontapé. Depois, o que me apareceu foi como algo que se vê no plateau de um *Western*, mas décadas mais tarde. Estacas escurecidas de edifícios de adobe meio enterradas na areia, paus-de-arrasto e plataformas de madeira partidas, com ervas daninhas mortas a espreitar. Eu sou a única coisa viva naquele lugar. Acabo por chegar a um sítio onde só há

dez estacas, e estou a passar ao lado delas, a chorar, a soluçar, com ranho no nariz. Sentia-me completamente miserável, apesar de não saber qual era o motivo do meu sofrimento.

— Que idade tinhas? — perguntou Adam.

— Foi depois de o Bryan morrer — respondi. — Logo a seguir, acho. — O simples facto de falar do que tinha visto perturbou-me, a minha maxila inferior vibrava como se sentisse frio, apesar de sentir o calor e a firmeza de Adam contra mim. Ele era real, mas, de uma forma que não sei explicar, aquela visão antiga também era real. — Portanto devia ter à volta de catorze anos.

Contar o episódio a Adam era quase como revivê-lo. As emoções tinham sido reais e poderosas, talvez a coisa mais real em toda a visão.

— Finalmente, deparei com um carro, um velho *Ford Modelo T* enterrado até aos eixos das rodas. Era tão triste, conseguia sentir a sua amargura a pesar-me no coração, distraíndo-me daquilo que me tinha feito chorar, o que quer que fosse. Pus-lhe as mãos, mas era impossível desenterrá-lo ou repará-lo. Expliquei isso ao carro, como se ele fosse capaz de compreender o que eu estava a dizer porque eu sentia que ele era capaz. Disse-lhe que lamentava não poder fazer mais. Depois, começou a vibrar debaixo dos meus dedos, agitando-se de um modo tal que já não o conseguia agarrar. Tive de fechar os olhos para me proteger da areia que levantava, e quando os reabri, estava sozinha numa floresta.

Lembrei-me de quão assustada me sentira na floresta. O meu pulso acelerou e fiquei com pele de galinha nos antebraços. Seria de esperar que a floresta servisse de alívio ao mundo cinzento e morto em que estivera. A floresta fora a minha segunda casa — porém a floresta da minha visão tinha observadores escondidos, observadores perigosos que não aprovavam a minha presença.

— Era uma floresta escura. Apesar de não haver mais árvores senão coníferas, elas tinham formado uma cobertura densa por cima de mim, como numa floresta tropical. Conseguia sentir que estava a ser observada, mas por muito que olhasse, não os via. Aqueles que me estavam a espiar seguiam-me enquanto eu andava. Num dado momento, comecei a correr e entrei em pânico, como um coelho. A sensação que tive foi a de que corri durante horas. De cada vez que abrandava, sentia-os aproximar-se de mim. Por isso deixei de abrandar. — Lembrei-me que o medo me deixara a suar e fizera com que os músculos das minhas costas e do meu pescoço ficassem tensos. — Enquanto corria, não via nada. Nunca soube o que me estava a perseguir. Só sabia que era a presa nesta corrida. Tinha a certeza absoluta de que se me apanhassem, eu seria uma mulher morta. Olhei por cima do ombro enquanto corria a toda a velocidade através da floresta e bati com

o pé numa árvore caída. Desci uma encosta aos trambolhões e aterrei em frente a uma *La-Z-Boy*⁷.

— Uma quê? — perguntou Adam.

— Eu disse-te que era esquisito. Uma *La-Z-Boy*, uma daquelas cadeiras reclináveis enormes. Esta tinha uma etiqueta grande que dizia *La-Z-Boy*. Era de esperar que parecesse deslocada numa floresta, mas quem não pertencia era eu. — A cadeira reclinável era cor de laranja com tecido azul. Feia. — A princípio, a única coisa que via era a cadeira. Depois, dei-me conta de que estava ocupada por um homem índio, alto e bonito, que não parecia minimamente impressionado comigo.

Curioso. Conseguia lembrar-me da cor da cadeira como se tivesse acabado de olhar para ela, mas não me conseguia lembrar do rosto do homem índio ou do que trazia vestido. Não creio que tenha reparado noutra coisa que não os seus olhos.

— Levantei-me. As minhas calças de ganga estavam rasgadas, a minha t-shirt rompida, e tinha um arranhão grande e doloroso no flanco. Tinha picos no cabelo. A sensação que tinha era que estava num lugar ao qual não pertencia, num lugar onde ninguém queria que eu estivesse. Levantei o queixo e olhei-o diretamente nos olhos, embora no meu íntimo soubesse que era um gesto estúpido. — O pânico desaparecera, substituído por uma sensação de vazio que parecia não ter como ser preenchido.

A mão de Adam agarrou-me o ombro.

— Assim que me fixei nele, uma raposa, um lince e um urso emergiram da floresta. Um pássaro enorme que parecia uma águia gigante desceu do céu e todos se fixaram em mim, mas mantive-me de olhos cravados no homem sentado na cadeira.

Tinha sido inexplicavelmente horrível, sabendo que não pertencia àquela floresta com o homem índio e os animais. Era uma intrusa, sozinha.

— Calma — murmurou Adam.

— O homem finalmente disse: «Quem és tu, criatura raçada que caminha na minha floresta?» Percebi que o que ele queria não era saber o meu nome. Queria saber o que eu era. — Não lhe conseguia explicar com precisão o que pretendia expressar. — A essência da pessoa que era.

— O que é que lhe disseste?

— Disse-lhe que era coiole. — Aclarei a garganta. — Levantou-se. Era muito mais alto do que eu, tão alto quanto as árvores à nossa volta e, de uma forma que não sei explicar, mais real do que elas. Eu sei que é um cenário

⁷ Fabricante de mobiliário que dá nome à cadeira em questão. Em português significa, literalmente, «rapaz preguiçoso». (N. do T.)

estranho, mas passou-se assim, tal e qual. Depois, ele, sem baixar o olhar, disse: «*Eu* sou o Coiote.» Parecia bastante ofendido.

Inspirei fundo.

— Provavelmente devia ter-lhe dito o meu nome. Não era a resposta certa, mas tão-pouco teria sido a errada. Portanto disse-lhe: «Está bem. Você pode ser o Coiote. Mas eu sou *uma* coiote.» Considerou a minha resposta e depois curvou-se para me sussurrar uma coisa ao ouvido. — Senti-me estúpida em relação a esta última parte.

— O que é que ele disse?

— Ele disse: «Está bem. Também podes ser uma coiote. Mas tu és uma coisinha minúscula, e eu sou uma coisa antiga.» E depois acordei.

— Sabes o que queria dizer? — perguntou Adam.

Ri-me e abanei a cabeça.

— Isso é mentira — sussurrou, puxando-me para mais perto de si.

— Queria dizer que não sou suficientemente índia — disse-lhe. — Não pertença a parte nenhuma.

Deixou queimar mais uma salsicha enquanto estávamos sentados e observávamos as chamas.

— Acho que estás enganada — acabou por dizer. — Não me pareceu que o Coiote te estivesse a rejeitar.

— Ele estava a falar da minha metade coiote — retorqui.

Adam sorriu e embalou-me um par de vezes.

— Deve ser mesmo muito confuso ser-se parte coiote, parte humana, parte índia e parte branca.

Ri-me e senti-me melhor. Raramente era boa ideia levar-me demasiado a sério.

— Todas as quatro partes se sentem muito felizes por estarem casadas contigo. Talvez eu esteja enganada. Talvez tivesse querido dizer que devíamos arranjar *La-Z-Boys* a condizer. — Embora eu tivesse escolhido cores melhores. — Se não tirares aquela salsicha em breve, vais para a cama com fome.

— Hmmm — pronunciou ao meu ouvido. — Pensava que estar casado significava nunca ir para a cama com fome.

Voltámos a sair algum tempo depois, avivámos o lume e cozinhámos o resto da embalagem de salsichas.

No dia seguinte, deixámos a caravana no parque deserto — afinal de contas, Adam fora responsável pela instalação do sistema de segurança — e atravessámos novamente o rio de carro, passando pelas cidades The Dalles e Hood River em direção às Cataratas Multnomah. Alguém me dissera em tempos que existe uma extensão de cerca de quinze quilómetros onde a quantidade anual de chuva aumenta dois centímetros por quilómetro. Seja verdade ou não, a uma distância curta de Hood River, no sentido oeste, a vegetação enfezada é substituída por uma quantidade imensa de árvores e outros tipos de vegetação. Poucos quilómetros à frente, começam as quedas de água.

A de Multnomah é a mais impressionante, mas há dezenas de cascatas na Larch Mountain, e passámos a maior parte do dia a caminhar pelos trilhos que atravessavam as diferentes cascatas da encosta da montanha. Uma vez que estava um belo dia de verão, havia muitas pessoas a fazer o mesmo.

A presença de outras pessoas não me incomodava, e tão-pouco me pareceu que incomodasse Adam. A sensação que pairava era a de que éramos um grupo amigável de desconhecidos, reunidos pela extraordinária beleza de água a cair de escarpas rochosas em lençóis brancos. Havia uma espécie de espanto que nos ligava a todos, que nos aproximava. Os laços não eram tão reais quanto os vínculos do bando, mas a sensação era similar. Era magia, ainda que pouca, feita de bom tempo e alegria.

Essa sensação de pertencer a algo maior do que eu própria fora o presente que Adam me dera.

Toda a minha vida fora uma estranha: primeiro, uma coiole criada

num bando de lobisomens; depois, uma estranha sobrenatural na casa mundana da minha mãe; e, finalmente, uma estranha que tinha demasiados segredos para ambicionar ter amigos. Era boa a dar a impressão de que me enquadrava, portanto nunca ninguém reparava de facto em mim.

Até ao aparecimento de Adam. Com Adam ao meu lado, sentia que pertencia a alguma coisa, como se ele fosse a ligação entre mim e o resto do mundo. E por causa dele, eu podia ser um destes caminheiros que tinham ido para ali com o propósito de se divertirem. Afugentei a ligeira sombra que se instalara sobre mim após a recordação da visão. Índia ou não, coioote ou humana, já não estava sozinha.

Alguns dos trilhos eram fáceis de percorrer, inclusive para deficientes. No entanto, não muito longe de Multnomah, esses trilhos desapareciam e a diversão requeria um esforço sério. O topo da montanha fica um pouco mais de mil metros acima do início do trilho, e são muito poucas as partes fáceis dessa subida.

Ouvi os gritos antes de os ver. Pensando que alguém estaria em dificuldades, comecei a correr montanha acima, com Adam no meu encalço.

— Querido, não consigo levar-te ao colo. — A mulher falava à beira das lágrimas. — Simplesmente não consigo. Tens de ser um homenzinho e ajudar-me, Robert.

Seguiu-se a voz de um rapaz, ininteligível aos meus ouvidos e intercalada com soluços.

Depois de uma curva no trilho, deparámos com duas pessoas muito transtornadas. Uma mulher na casa dos quarenta, exaurida, e um rapaz de face listrada com lágrimas e terra.

— Ei — chamei. — Parece mau. O que é que podemos fazer para ajudar?

A mulher começou a recusar ajuda — e depois os seus olhos recaíram em Adam e iluminaram-se. Compreendia-a perfeitamente — mas fiquei mais contente ao aperceber-me de que era com a força que o seu tronco transparecia que ela estava excitada, e não com a sua cara bonita.

O filho não estava, nem de longe nem de perto, tão excitado como a mãe. Robert, informou-nos a sua mãe, tinha oito anos, mas sofria da síndrome de Down e tinha em relação aos estranhos a mesma desconfiança que a maior parte das crianças de dois anos. Não lhe agradava a ideia de Adam o transportar montanha abaixo até ao parque de estacionamento.

Enquanto a mãe tentava chamar o filho à razão, Adam pôs-se sobre um joelho e olhou o miúdo nos olhos. Não disse absolutamente nada. No entanto, passado cerca de um minuto, o miúdo acenou com a cabeça, e

quando Adam se levantou, trepou para as costas de Adam sem protestar. Continuava pouco agradado com a situação, mas sabia quem estava no comando.

— Mas... — disse a mãe de Robert, estupefacta.

— O Adam é bom a dar ordens — disse-lhe. — Mesmo sem dizer nada.

De modo que Adam transportou trilha abaixo um muito cansado e rabugento rapaz de oito anos que tinha uma entorse no tornozelo, enquanto a mãe, ainda mais cansada, lhe dirigia palavras de agradecimento durante todo o percurso.

— Não fazia ideia de que ia ser tão íngreme — disse-me a mãe do rapaz, numa altura em que Adam esticou um pouco as pernas e se adiantou em relação a nós. Pensei que o fizera para pôr fim aos seus incessantes agradecimentos, mas talvez eu estivesse a ser pouco complacente.

— O Robert estava tão farto de estar no carro. Eugene ainda fica longe, e achei que talvez fosse bom ele desgastar alguma energia; depois dormiria durante a viagem. Espero que o seu homem não se magoe. O Robert pesa quase quarenta quilos.

— Não se preocupe — tranquilizei-a. — O Adam esteve no exército. É perfeitamente capaz de transportar quarenta quilos de peso por uma montanha abaixo. É também por isso que ele sabe a diferença entre um tornozelo torcido, uma entorse e um tornozelo partido.

Não ia dizer-lhe que ele era um lobisomem capaz de nos transportar a todos se encontrasse forma de pegar em nós. Adam revelara a sua condição publicamente, mas nem Robert nem a sua mãe pareciam pessoas capazes de, neste momento, lidar com a presença de um lobisomem. A parte do exército era verdade — não precisavam de saber que a sua vida de soldado remontava aos tempos da guerra do Vietname.

— Pelo sim pelo não, faça uma radiografia ao tornozelo dele — aconselhou Adam, que nos ouvira sem qualquer dificuldade. — Não sou médico, e as entorses podem ser complicadas.

Quando chegámos ao parque de estacionamento, Robert tinha recuperado, apesar de coxear exageradamente. Quanto à mãe, o tom de desespero desaparecera-lhe da voz. Voltou a agradecer-nos e Robert deu um beijo molhado na face de Adam.

— És o meu herói — disse eu a Adam enquanto eles se afastavam de carro. — Ficamo-nos por aqui, ou importas-te que voltemos a subir?

Para meu imenso deleite, eu e Adam caminhámos durante mais duas horas e depois comemos em Hood River. Nunca tinha passado tanto tempo com ele sem interrupções. Aqui não tínhamos de nos preocupar com nada.

A sensação era maravilhosa. Adorei ver o estado de alerta desvane-

cer-se e a pressão de tomar conta do bando, de mim, da filha e do negócio simplesmente desaparecer-lhe do rosto e do corpo.

Normalmente, Adam aparentava ser um homem com trinta e muitos anos — apesar de os lobisomens não envelhecerem. Por altura do nosso regresso ao parque de campismo, tinha perdido dez anos e parecia pouco mais velho do que a filha. O riso iluminou-lhe o rosto de uma forma que nunca lhe tinha visto.

Eu era a responsável por isso. Eu. Ok, eu e as cascatas e a montanha de Deus. Apesar de parecer que não havia um dia em que não o envolvesse nos meus problemas. Apesar de se ter visto obrigado a fazer frente a vampiros, demónios e criaturas feéricas ensopadas por minha causa. Apesar de se ter visto obrigado a fazer frente ao próprio bando, eu era boa para Adam.

Tinha-o visto chateado, a sofrer, triste. Era indescritivelmente melhor vê-lo feliz.

— O que foi? — perguntou, depois de acabar o segundo dos seus bifés de trezentos gramas. — Porque é que estás a olhar para mim dessa forma?

O pequeno restaurante moderno que ocupava o antigo edifício vitoriano intimidava-me um pouco, todavia não ia permitir que ninguém, incluindo Adam, se apercebesse disso. Creio que nunca vi nada, exceto possivelmente a minha mãe, que intimidasse Adam. Mas era mais do que isso.

Ele encaixava aqui. Como encaixara no papel de caminheiro quando percorríamos os trilhos — e no papel de ajudante, quando transportara o rapaz encosta abaixo. Para alguém como eu, que se vira obrigada a lutar para criar o seu próprio lugar por não encaixar em parte alguma, ele era... Bem, a verdade é que também encaixava em mim. Embora, a julgar pelos seus olhares de viés, muitas das pessoas ricas que ali comiam obviamente não achassem o mesmo. Adam podia estar vestido de forma descontraída, com calças de ganga e uma t-shirt, mas ainda assim parecia acabado de sair de uma sessão fotográfica como modelo. Quanto a mim, tinha aspeto de quem tinha andado a caminhar o dia todo, apesar de ter tirado as folhas do cabelo na casa de banho do restaurante.

Suspirei teatralmente, pousando o queixo nas minhas mãos em concha e colocando os cotovelos sobre a mesa.

— És lindo de mais, sabias? — Disse-o suficientemente alto para que as pessoas que nos estavam a observar me pudessem ouvir.

Uma risada tremenda iluminou-lhe os olhos — revelando-me que ele reparara nos olhares de que estávamos a ser alvo. No entanto, o seu rosto pôs-se completamente sério enquanto ronronava:

— Então, valho o dinheiro que pagaste por mim, *baby*?

Adorava quando ele embarcava em jogos comigo.

Suspirei novamente, um som que começou nos dedos dos meus pés,

um som contente e feliz. Havia de ter a paga por aquele «*baby*». Ai não que não havia.

— Oh, sim — disse aos nossos espetadores. — Vou dizer à Jesse que ela tinha razão. Manda-te à fera sexy, disse-me ela. Se for preciso largares dinheiro, não te acanhes.

Lançou a cabeça para trás e riu-se até limpar as lágrimas do rosto.

— Credo, Mercy — disse. — As coisas que tu dizes. — Depois debruçou-se sobre a mesa e beijou-me.

Pouco depois recuou, exibiu-me um sorriso rasgado, e voltou a sentar-se na cadeira.

Tive de recuperar o fôlego antes de falar.

— Foram os cinco dólares mais bem gastos da minha vida — disse-lhe ardentemente.

Ainda se estava a rir quando colocou o cinto de segurança.

— Ainda bem que não vivemos em Hood River — disse Adam. — Nunca mais ia poder pôr os pés naquele restaurante. Cinco dólares. Credo. — Adam era um cavalheiro criado na década de 1950. Esforçava-se ao máximo por não dizer palavrões à frente de mulheres.

— Achei muito fixe quando aquela velhota baixinha te tentou dar uma nota de vinte — disse-lhe, deixando-o novamente inquieto.

— O que me assustou — meteu pela autoestrada em direção ao nosso parque de campismo — foi aquela mulher na mesa ao nosso lado, a que parecia estar a acreditar que era tudo verdade, mesmo depois de toda a gente se ter rido.

Ah, a Senhora Assustadora. Observara-nos de olhos esbugalhados e boca aberta, conseguindo, ainda assim, manter-se inexpressiva. Estava capaz de apostar que era uma psicopata ou uma criatura feérica, o que por vezes era a mesma coisa. Podia ter-me aproximado para a farejar — eu sei qual é o cheiro das criaturas feéricas —, mas estava na minha lua-de-mel. Não queria saber.

— Contigo por perto nunca me vou aborrecer — comentou Adam. O curioso é que parecia feliz com isso.

— Queres ir correr? — perguntou Adam, pulando para fora da cama poucas horas depois.

Tínhamo-nos deitado para descansar após as nossas caminhadas. Não descansámos muito, mas eu cá não me ia queixar. Para além disso, todos os meus ossos pareciam gelatina, e ele queria ir correr?

— Uf — disse. Não fui capaz de pronunciar mais nada.

Exibiu-me um sorriso rasgado.

— Deixa-te lá de cenas.

Acenei-lhe com a mão num gesto frouxo.

— Aposto que consigo apanhar um coelho antes de ti — continuou.

Ah, então era aquilo que ele queria dizer com *correr*. Tínhamos regressado ao parque ao final da tarde, portanto já era noite cerrada. Noite cerrada significava que na improvável circunstância de alguém ver Adam como lobisomem, esse alguém pensar que se tratava de um cão — com a ajuda da magia do bando que fazia com que as pessoas vissem o que estariam à espera de ver. A magia também funciona em plena luz do dia, mas a escuridão ajuda.

— Porque é que não disseste logo? — resmunguei enquanto saltava para fora da cama. Vestia metade da minha t-shirt, a metade que restava, e as minhas peúgas. A outra metade da t-shirt estava no lado oposto da caravana. Iria precisar de uma hora para limpar muito bem a caravana antes de ela ser devolvida ao seu proprietário, caso contrário arriscava-me a passar por uma situação embaraçosa.

O que me fez lembrar do seguinte:

— Ei, Adam? — Deixei cair a metade da t-shirt no chão e pus-me sobre um pé para tirar uma peúga. — Quem é que nos emprestou a caravana? As únicas pessoas que conheço com capacidade financeira para a comprar são tu, o Kyle ou o Samuel. O Samuel jamais compraria algo tão... avultado. Disseste-me que não é tua. Foi o Kyle que a comprou numa tentativa de corresponder ao desejo que o Warren tem de acampar?

— Foi o Tio Mike.

Estaquei com um pé no ar.

— O quê? — Ele pedira algo emprestado a uma criatura feérica?

Adam segurou-me, colocando uma mão no meu ombro.

— Eu sei o que faço — disse-me com um quê de agressividade na voz.

— O Tio Mike telefonou-me e disse-me que tinha ouvido falar da minha intenção de te levar a acampar e que tinha uma caravana excelente que podíamos usar.

— Pediste-a emprestada ao Tio Mike?

— O Tio Mike ofereceu-a... Quais foram as palavras dele? Por serviços já prestados. Das duas uma, Mercy, ou tiras essa peúga ou pousas esse pé no chão antes que caias.

Descalcei a peúga e coloquei-me sobre os dois pés.

— As criaturas feéricas nunca dão nada sem contrapartidas — disse-lhe urgentemente. — Nem mesmo o Zee, e ele é meu amigo.

As criaturas feéricas fazem coisas como obrigar-nos a dar o nosso pri-

mogénito ou o nosso próprio sangue em troca de uma pastilha elástica, e conseguem fazer com que pareça um bom negócio.

— Quando a criatura feérica proprietária deste parque me telefonou para o disponibilizar, cerca de uma hora antes do telefonema do Tio Mike, fiquei bastante desconfiado — confessou Adam.

A sua voz recuperara o habitual tom relaxado, porém estava irritado. Percebi isso pela forma como despiu a t-shirt. Podia deixar o assunto de lado... mas ele não conhecia os seres feéricos como eu os tinha vindo a conhecer.

— Depois de o Tio Mike ter telefonado — continuou num tom suave —, percebi que eles nos queriam aqui por uma razão qualquer. Podia ter recusado, tinha feito reservas em San Diego, mas achei que ia gostar mais disto do que de um hotel, tal como eu.

Franzi-lhe o sobrolho.

— Eu não lhe prometi nada — afirmou Adam com exagerada paciência. — Não te podes esquecer de quem és agora. Eles não podem simplesmente f... — Parou de falar por momentos, após o que engoliu a custo o acesso de fúria. Porém não com a eficácia que provavelmente desejaria, uma vez que o tom suave lhe desapareceu da voz por completo.

— Mercy, se se meterem contigo, também se estão a meter comigo e com todo o bando, e com o Samuel, e com o Bran, e com o Zee, e, provavelmente, também com o Stefan. Não sei o que eles querem. Talvez precisem que nós *não* vamos a San Diego. O Tio Mike fez referência específica a San Diego, apesar de eu não lhe ter dito onde te ia levar. Talvez eles precisassem que nós ficássemos mais perto de casa. Nós, lobisomens, passámos a ser um potencial aliado contra os ataques políticos, uma vez que, para além deles, somos o único grupo de seres sobrenaturais que assumiu publicamente a sua existência. Talvez haja aqui alguma coisa... — Acenou com as mãos para indicar a área sobre a qual repousava a caravana. — Pode ser algo tão simples como a intenção de nos usarem para intimidar outra criatura feérica que planeie destruir o que a Edythe construiu aqui.

Edythe devia ser a criatura feérica proprietária deste lugar. Claro que tinha sido uma criatura feérica a planear este parque de campismo, com as suas grandes árvores e a relva tão verde.

Adam tinha razão. Esquecera-me de que se os seres feéricos me lixassem, estariam a fazer frente a todo o bando e a mais umas quantas pessoas. Eu era mais do que apenas uma mecânica que reparava VWs e se transformava em coiole, porque tinha Adam, e tinha amigos. A diferença que um ou dois anos podiam fazer.

Se Adam se tivesse ficado por ali, não teria ficado zangada. Talvez até admitisse que ele tinha razão e que não me devia ter preocupado. No entan-

to, não se ficou por ali — porque Adam pode ser lindíssimo e inteligente, mas não é perfeito.

— Se calhar, podia ter-me permitido enlouquecer — disparou. Aparentemente, o nosso vínculo peculiar não estava a funcionar. Ele não sabia que concordava com ele. Que ele ganhara. — Ou, indo mais direto ao assunto, podia ter permitido que nos conduzisses à loucura nestes últimos dias, especulando em torno da conspiração nefasta que o Tio Mike teria engendrado... O Tio Mike, que provou ser, no mínimo, um aliado valioso, isto se não o considerarmos um amigo. Ou podia ter guardado tudo para mim até a tua curiosidade levar a melhor sobre ti e me teres perguntado, para que pudéssemos pelo menos desfrutar de dois dias da nossa lua-de-mel antes de nos começarmos a preocupar com o cara... — A sua respiração era agora mais acelerada e quase deixou escapar aquela palavra de três sílabas.

Inclinei-me para a frente, beijei-lhe o vinco branco que se desenhava na sua bochecha sempre que cerrava os dentes, e, num tom suave, disse-lhe:

— A única coisa que tinhas de fazer era dizer-me que tinhas tudo sob controlo, querido. — Pestanejei com ar grave. — Eu sou apenas a esposa. Não tenho de dar cabo deste pobre cérebro preocupando-me com as criaturas feéricas porque tu estás aqui para me proteger.

Sim, também eu me sentia irritada. Estava a tratar-me de forma condescendente.

Ainda assim, tinha a capacidade de admitir quando ele estava certo: não era certamente com as criaturas feéricas que ele tinha de se preocupar.

Semicerrou-me os olhos.

— Não foi isso que eu disse. Não ponhas palavras na minha boca.

Contornei-o, abri a porta da caravana e transformei-me em coioite antes de ele ter oportunidade de continuar — e comecei a correr.

Seria necessário algum tempo até que ele se pudesse aproximar de mim, uma vez que os lobisomens demoram muito mais tempo a transformar-se. Podia ter optado por correr atrás de mim na forma humana — mas sobre duas pernas, jamais me alcançaria, lobisomem ou não. Além disso, estava nu. Considerando a topografia e a vegetação, o parque de campismo poderia ser considerado bastante resguardado, mas não era completamente privado. A magia do bando não tinha a capacidade de esconder um homem nu a correr num parque de campismo.

Tirei partido disso e zarpei antes que ele pudesse dar continuidade à discussão.

— Tens noção do que estás a fazer ao casar com um lobisomem Alfa? — dissera-me a minha mãe uns meses antes enquanto a levava no meu carro a

mais um *outlet* de vestidos de noiva em Portland. Quem havia de dizer que havia tantos vestidos brancos? Quem havia de dizer que havia tantos vestidos brancos horríveis? O mais estranho era que parecia que quanto pior o vestido, mais elevado o preço.

— Sim, mãe — respondera-lhe, desviando-me por um triz de um *Ford LTD* de 1979, conduzido por uma avozinha que mal chegava ao volante. — Conheço o Adam há muito tempo. Sei exatamente aquilo em que me estou a meter.

Como se eu não tivesse dito nada, a minha mãe opinou:

— É extremamente difícil lidar com qualquer Alfa. Os lobisomens são uns cabrões controladores, e os lobisomens Alfa são piores do que isso. Se não se tiver cuidado, uma pessoa dá por si a fazer exatamente o que eles mandam.

Havia na sua voz um vigor curioso, e perguntei-me quantas vezes teria Bran conseguido obrigá-la a fazer o que queria. Não tantas quanto teria desejado, apostado, mas claramente mais do que as que ela desejara.

— Eu sei tomar conta de mim. — Não estava preocupada. Adam era dominante, não havia dúvidas de que isso era verdade. Todavia, já tinha mais do que provado a mim mesma que tinha a capacidade de manter a minha posição contra ele, se necessário fosse.

— Eu sei que sabes — replicou a minha mãe com satisfação. — Mas lembra-te de uma coisa: os confrontos com um Alfa não são produtivos. Vais acabar por perder... Ou pior, vais acabar por fazê-lo perder o controlo.

— Ele não me vai fazer mal, mãe.

— Claro que não — concordou. — Mas um homem como o Adam, se perder o controlo, vai sentir-se péssimo. Vai ficar preocupado com a *possibilidade* de te ter magoado. Tu não vais querer fazê-lo sentir-se péssimo. — Interrompeu-se, considerou o que disse, e depois alterou o discurso. — A menos, claro está, que lhe seja útil sentir-se péssimo. No entanto, eu sei que isso não é produtivo. Os homens que se sentem miseráveis podem ser imprevisíveis.

Perguntei-me se o meu padrasto sabia a sorte que tinha por ela achar que era do seu interesse ele sentir-se feliz em vez de miserável. Provavelmente sabia; era um homem inteligente.

— Eu sou a rainha do atropelamento e fuga — disse-lhe. — Toda a satisfação, nada de perigo.

— Ainda bem — replicou. — Certifica-te apenas de que ele não te transforma na mulherzinha boa e dócil. Eras capaz de aguentar algum tempo... Tu foste a «filhinha boa e dócil» na minha casa desde que foste viver para lá até entrares na universidade.

Havia na sua voz uma certa impetuosidade, como se eu a tivesse magoado — o que não fora, de todo, a minha intenção. Quando deixara o bando de Bran para viver com a minha mãe e o meu padrasto, tinha dezasseis anos, e eles já tinham uma família antes da minha chegada. Não. Eles tinham a família perfeita antes da minha chegada. Na altura fiz tudo o que estava ao meu alcance para não os perturbar.

— Mas se tentares isso num casamento — continuou —, o casamento acabará por se autodestruir, e para onde quer que olhes, haverá baixas.

— O Adam não quer uma mulherzinha boa e dócil — disse-lhe.

— Claro que não — concordou. Porém, não conhecia Adam assim tão bem, e pensei que estava apenas a concordar para não me contrariar, até prosseguir. — Mas aprendeu como deve agir um marido numa altura em que era um dado adquirido que a sua mulher seria uma combinação entre cozinheira, dona de casa e mãe que precisava dele para a sustentar e proteger. Ele sabe, no seu íntimo, que tu és um ser igual a ele, mas os seus instintos foram-lhe inculcados há muito tempo. Vais ter de o ajudar em relação a isso e ser paciente com ele.

A minha mãe não seria, nem pouco mais ou menos, tão assustadora se não tivesse razão tantas vezes.

Portanto, em vez de ficar na caravana a discutir com Adam, fui correr para dar tempo a ambos de refrear os ânimos, e também para permitir que a dor infligida pelas suas observações condescendentes se suavizasse, e desse modo conseguisse pensar. Não consigo ser paciente quando estou zangada — a menos que esteja à espera para me vingar de alguém, e não estava assim tão zangada. Ainda não.

Corri o primeiro quilómetro o mais depressa que consegui, depois abrandei para a velocidade de trote.

Não podia permitir que me tratasse como a sua primeira mulher. Não conseguia viver rodeada de algodão hidrófilo.

Mas ele sabia isso.

Confiava nele. O que me escondera não punha em risco nenhuma vida. Ele tinha razão. As criaturas feéricas não ofenderiam o Alfa do Bando da Bacia do Columbia. Um lobisomem era uma criatura dura — mas o verdadeiro poder dos lobisomens residia nos seus bandos. Consequia compreender a sua vontade de garantir que a nossa lua-de-mel fosse vivida livre de preocupações.

Ok. Ok.

Em que altura é que a nossa conversa se transformou numa discussão que nos deixou a ambos zangados? E me deixou com uma dor no peito

tal que parecia que em vez de ter disparado palavras, me tinha desferido socos? Ele nem sequer tinha ficado extraordinariamente furioso, e eu sentia-me imensamente infeliz.

Um coelho passou à minha frente como um furacão. Na verdade, não fazia tenção de caçar, mas se aqueles seres estúpidos se queriam oferecer para o jantar... Com uma mudança de velocidade abrupta, comecei a perseguição.

Estava a acabar de comer o coelho quando Adam apareceu com a sua gloriosa pelagem. Adam é um homem bonito, e o seu lobo também é bonito. As suas cores distribuem-se como num gato siamês, embora em tons de cinzento-azulado que escurecem quase até ao preto.

Largou um segundo coelho junto das minhas patas dianteiras e deitou-se à minha frente, o focinho sobre as patas e as orelhas caídas.

Nada mostra mais arrependimento do que um coelhinho morto.

Lembrei-me da sua primeira mulher. Christy obrigara-o a pedir desculpa imensas vezes, a pedir desculpa por coisas que não eram culpa sua. Eu não queria um pedido de desculpas. O que eu queria era saber a razão pela qual acabáramos de ter uma discussão, uma discussão que não me dera o mínimo gozo.

Eu *gostava* de discutir com Adam.

Ele tinha sido o primeiro a ficar zangado.

Considerarei isso.

Adam ficava zangado por três razões. A mais comum, e a minha favorita, era a frustração. Normalmente, quando Adam estava zangado comigo, a frustração era o rastilho que o fazia explodir. Adam frustrado e zangado comigo normalmente começava com uma sessão de fogo de artifício e acabava de uma forma boa, com muita adrenalina gerada e despendida pelo caminho.

A segunda era no caso de alguém tentar fazer mal a uma pessoa sob a sua proteção. Tínhamos chegado à conclusão de que era pouco provável que as criaturas feéricas estivessem a planear as nossas mortes ou sequer armadilhas quase fatais.

A terceira era a dor — física e não só.

Tendo concluído que não estava frustrado e que nem eu nem nenhuma outra pessoa próxima dele estavam em perigo, restava a possibilidade de, de algum modo, o ter magoado.

Semicerrei-lhe os olhos. De um modo geral, Adam era bastante franco. Esse era um dos traços que mais gostava nele. Descobrir o motivo pelo qual ficara zangado devia ter sido bastante mais fácil.

Tentara proteger-me, e eu objetara. Fazíamos isso constantemente, e ele raramente se zangava, a menos ou até que eu ficasse magoada.

Fizera tudo para que o nosso casamento e a nossa lua-de-mel fossem divertidos. Ocorrera-lhe que eu ficaria incomodada com o facto de a caravana lhe ter sido emprestada pelo Tio Mike, mas também concluíra que eu preferiria passar a lua-de-mel aqui do que num lugar mais convencional.

Ficara zangado quando antecipara que eu ia ficar zangada com ele por não me ter contado da caravana. Fora o facto de acreditar que eu ia ficar zangada que o magoara. Pus-me numa posição mais confortável e tentei pensar como Adam — uma pessoa muito inteligente envenenada pela testosterona.

Em primeiro lugar, ele sabia que eu ficaria zangada se me omitisse alguma coisa importante, mas isso não lhe feriria os sentimentos.

E, de repente, percebi o que tinha acontecido.

Levantei-me e passei por cima da minha peça de caça morta, depois por cima da dele. Lambi-lhe o focinho — e em seguida transformei-me, regressando à minha forma humana.

— Fizeste algumas suposições — disse-lhe. — Regista isto: por norma, é melhor esperares que eu faça alguma coisa estúpida antes de ficares zangado comigo.

Adam fixou-se em mim. Não fui capaz de discernir o que estaria a pensar.

— Isto do casamento é um projeto contínuo — continuei. — E ambos iremos cometer imensos erros pelo caminho. É verdade que fiquei preocupada quando soube que te tinham emprestado a caravana. No entanto, depois de pensar durante meio minuto, cheguei à conclusão de que tu nunca aceitarias nada emprestado de uma criatura feérica sem antes te certificares de que saberias lidar com as consequências. — Bufei. — Ficaste zangado porque achaste que eu não confiaria na tua capacidade de perceber a diferença. Não é justo. Não é de todo justo. Eu escondo coisas importantes de ti a todo o momento. — Dirigi-lhe um sorriso rasgado. — Mas eu sei que tu és uma pessoa melhor do que eu. Acho que não me deves um pedido de desculpas por algo que eu própria faria, portanto estamos quites no que diz respeito a esconderes informação de mim.

Agora era ele que estava de olhos semicerrados.

— Pois — disse-lhe como se ele tivesse falado. Sentia frio, nua e com o Sol posto, por isso estendi-me contra ele de modo a manter-me quente. — Eu sei o que disse antes de ter saído da caravana, mas fui provocada. Nada de desculpas, nem da minha parte nem da tua, mas não vou ignorar o gesto de me teres trazido o coelho. No entanto, se me vieres outra vez com aquele

paleio condescendente, nem mesmo um coelho gordo e suculento irá impedir que tenhamos uma discussão.

Uma vez que era injusto eu continuar a ser a única com possibilidade de falar, transformei-me novamente em coiotte. E dado que tenho por princípio aceitar presentes com todo o gosto, comi o coelho que me trouxera. Além disso, discutir sempre me provocou fome, e não havia chocolate à mão.

Ele achou engraçado eu ter comido o segundo coelho sem aceitar o seu pedido de desculpa — portanto estávamos bem novamente. Tinha para mim que iríamos ter muito mais discussões, e a verdade é que ansiava por elas. Entre outras coisas, a vida com Adam não ia ser entediante.

Estávamos de regresso ao parque quando encontrámos o barco. Na altura em que saíra da caravana, não tinha corrido paralelamente ao rio. Em vez disso, seguira por uma das saliências ao longo do desfiladeiro, evitando assim as poucas casas e vinhas dispersas por aqui e acolá, e Adam seguira-me o rasto. No regresso, todavia, corremos ao longo da beira do rio. Estava Lua nova, apenas uma lasca no céu, e as estrelas refletiam-se na água negra.

A autoestrada do lado do Oregon tinha sempre trânsito, e esta noite não era exceção. O nosso lado, o lado de Washington, estava muito mais calmo: o rio era largo, o barulho dos carros uma sinfonia distante acompanhando os sons da noite. Um desses sons foi produzido por um barco a embater na margem.

Parei porque este não era o lugar onde esperava ver um barco. No momento em que a minha atenção foi atraída na sua direção, senti o cheiro a sangue e terror — o resultado de uma batalha. Um olhar de relance a Adam indicou-me que também ele se apercebera dos odores. O pelo ao longo da sua espinha dorsal estava eriçado, embora permanecesse em silêncio.

O barco estava enfiado entre três ou quatro árvores e mais vegetação que crescia ao longo da margem. Pelo que conseguia ver, e aproximei-me muito mais do que Adam era capaz, tratava-se de um barco de pesca pequeno, daqueles em que caberiam duas ou três pessoas. Suficientemente pequeno para ser movido a remos, embora este tivesse um pequeno motor de fora de borda. Não conseguia ver para o interior do barco por causa da vegetação, mas conseguia farejar o medo de um homem e ouvi-lo falar.

«Que ele não me encontre. Que ele não me encontre.» Era isto que repetia, vezes sem conta, muito suavemente, abaixo do sussurro. Não tinha sido capaz de distinguir as suas palavras até ficar à distância de um arremesso de pedra, e eu tenho uma audição muito apurada. O ruído do barco

a tocar as pedras por causa da subida e descida suave das ondas do rio era mais audível do que a sua voz.

Recuei do meio da vegetação e fitei Adam diretamente nos olhos. Se aparecesse nua, a minha nudez seria difícil de explicar, e sabia o que aquele mato me ia fazer à pele. Mas Adam demorava demasiado tempo a transformar-se, e se o fizesse, também ficaria nu. Além disso, se o que quer que estava a apavorar este homem regressasse, Adam na forma de lobo seria a nossa melhor defesa.

Talvez outras pessoas não tivessem presumido automaticamente que o que estava a amedrontar este homem exigiria um lobisomem para lhe fazer frente. Não havia lobisomens por estas bandas, os vampiros tendiam a ser monstros urbanos e a reserva feérica ficava a uma hora de viagem de Tri-Cidades, no sentido oposto — a cerca de trezentos e cinquenta quilómetros de onde nos encontrávamos. Porém, a magnitude do pavor que ele sentia fez-me pensar que não estava a ser paranoica.

Assumi a minha forma humana.

— Ei — gritei. — Você aí no barco. Está tudo bem consigo?

A voz do homem não se alterou. Não registara de todo as minhas palavras.

— Acho que vou ter mais sorte se tentar chegar a ele pelo lado do rio — disse a Adam. — O barco ainda está a flutuar. Se ele estiver tão gravemente ferido como todo o sangue que consigo cheirar me faz pensar, será mais fácil se não tentarmos arrastá-lo por entre a vegetação.

Na margem do rio, a parte despida mais próxima ficava cerca de dez metros a jusante. Com o Sol há muito posto, a água estava gelada. Tropecei numa pedra grande no fundo do rio e caí na água com um chape. Também fiz algum barulho — água fria em pele quente quando não estou a contar com ela tende a fazer-me guinchar. O homem no barco berrou — a julgar pela rouquidão na sua voz, não era a primeira vez que gritava esta noite.

— Está tudo bem — disse eu, pondo-me novamente de pé. — Você está em segurança.

Parou de gritar, mas não creio que o tivesse feito por ter compreendido o que eu dissera. Por vezes o medo é grande de mais para isso — uma parte tão grande do nosso ser está tão focada na sobrevivência que nada mais existe. Já passei por isso algumas vezes.

As pedras debaixo dos meus pés eram afiadas, mas assim que fiquei com a água pela cintura, deixei de as pisar com tanta força. Se me estivesse a dirigir para jusante em vez de montante, podia ter nadado em vez de caminhado. Adam andava de um lado para o outro, inquieto, na beira do rio.

As árvores pendiam sobre o rio e a margem estendia-se numa parede côncava debaixo delas. Para abrir caminho por entre os destroços que se

havam juntado no pequeno braço morto juntamente com o barco, vi-me forçada a arrastar-me a custo através de uma série de plantas aquáticas que não vi até me encontrar no meio delas.

A minha visão noturna é bastante boa, porém o rio era um véu negro impenetrável e tudo quanto estivesse abaixo da superfície encontrava-se escondido. Detestei o facto de não conseguir ver. Quem é que sabia ao certo o que havia no Columbia?

Algo roçou na minha perna com um pouco mais de força do que o resto das ervas, e soltei um grito involuntário. Adam, invisível no outro lado da árvore, soltou um gemido.

— Desculpa, desculpa — disse-lhe. — Está tudo bem. Só prendi a perna num daqueles maciços de plantas. Não consigo ver absolutamente nada debaixo da água, e isso, juntando a este gajo que tresanda a medo, deixou-me nervosa. Desculpa.

A estúpida da planta era persistente. Agarrou-se à barriga da minha perna quando me aproximava do barco, resistindo às minhas tentativas pouco convictas de me ver livre dela. A tendência que algumas plantas aquáticas têm para envolver os braços e pernas de nadadores desprevenidos é uma das principais causas de afogamento. No entanto, lembrei a mim própria, tinha os pés no fundo do rio, pelo que esta planta era apenas irritante. Não havia motivo para entrar em pânico.

Esqueci-me da planta assim que agarrei a borda do barco e me dediquei a tratar do que importava. A minha vista mal alcançava o barco, portanto não conseguia ver bem o homem ferido.

— Está tudo bem — disse-lhe. — Nós vamos tirá-lo desta situação.

Experimentei puxar o barco, mas por agora a água dava-me pelo peito, e a corrente ameaçava tombar-me. Quando puxei o barco, a única coisa que mexeu fui eu.

Tirei as mãos de onde as tinha e agarrei o barco mais perto da proa. Se puxasse o barco da forma que estava concebido para ser puxado em vez de o fazer de lado, o esforço em princípio seria muito menor. Em último recurso, podia trepar para o seu interior e usar o motor — todavia os ramos das árvores estavam escassos centímetros acima da borda da embarcação, e a verdade é que não queria arranhar-me ao tentar subir.

Ouvi algo e levantei a cabeça.

Quatro cabecinhas assomaram da água a cerca de dez metros do barco. Lontras.

Boa, mesmo a calhar. Precisamente o que estava a faltar.

— Lontras — disse a Adam, os meus dentes a começar a bater por causa do frio causado pela água. — Se eu começar a gritar, é porque as lontras se mandaram a mim.

Rosnou, um som grave e ameaçador, e as quatro cabeças desapareceram. Não foi tão tranquilizador quanto devia. Mas não havia nenhum dente afiado cravado em nenhuma parte do meu corpo, pelo menos não ainda. A única coisa agarrada a mim era a maldita planta, ainda bastante apertada em redor do meu tornozelo.

Tinha uma amiga que numa ocasião nadara com lontras-marinhas ao largo da costa californiana. Dissera-me que tinha sido uma experiência inacreditável. Aparentemente, eram companheiras regulares dos mergulhadores daquela área, brincalhonas e fofas. Não eram muito mansas nas brincadeiras — os mergulhadores que nadavam com elas regularmente tinham muitas vezes de substituir os seus fatos de mergulho com um centímetro de neopreno porque os dentes e as garras das lontras são afiados. No entanto, a maior parte dos mergulhadores dizia que, ainda assim, valia a pena.

As lontras do rio são mais pequenas e ainda mais fofas do que as suas primas marítimas. Também têm o temperamento doce de um texugo de ressaca. Noutras circunstâncias não me teria preocupado muito — também eu tenho dentes afiados quando quero. Mas neste momento estava no ambiente delas, não no meu.

Não conseguia vê-las. Pior ainda, não conseguia cheirá-las nem ouvi-las. Podia ficar à espera que elas me atacassem ou podia pôr-me a andar do rio.

Agarrei firmemente a proa do barco e consegui deslocá-lo um pouco. Mais metro e meio, dois metros, e tê-lo-ia onde a corrente do rio o haveria de empurrar no sentido que eu desejava.

O homem no interior do barco começou a agitar-se violentamente. Precisei de uns segundos para perceber que ele não estava apenas em pânico — agarrara-se ao cabo do motor. No momento em que o rugido súbito do motor irrompeu na noite, agarrei-me ao barco com toda a minha força e deixei que os meus pés subissem do fundo do rio.

O barco arrancou e a erva apertou-me dolorosamente o tornozelo, e por momentos tive a sensação de que... Mas nenhuma erva é tão resistente, e o barco libertou-me do seu aperto e andou cerca de cinco metros em direção a jusante antes de eu içar o meu corpo para o seu interior. Por essa altura ele colapsou novamente e a sua mão caiu da cana do leme no preciso instante em que a agarrei.

Equilibrei-me no assento e virei o barco em direção à margem, onde Adam cirandava.

O homem agarrou-me o braço e quase virei o barco antes de contrabalançar o seu peso. Se estivesse calçada, os meus pés teriam escorregado na madeira molhada e teria aterrado em cima dele.

— Tenho de fugir — disse ele. A sua pele era tão escura como a minha.

Agora que finalmente tinha oportunidade de o ver bem, apercebi-me de que também ele era índio. E, ainda assim, tinha os lábios descorados.

— Tenho de o levar até à margem — gritei acima do barulho do motor. — Antes que morra esvaído em sangue.

Ouviu-se um rangido no momento em que o barco atingiu a margem, e depois assisti a um movimento brusco de Adam, que agarrava uma bolina em cuja existência eu não reparara, de outro modo tê-la-ia usado. Puxou-nos para fora de água até à margem.

Consegui desligar o motor porque já tinha começado a fazê-lo instantes antes, e quando o barco parou subitamente, aproveitei o impulso para rolar para fora do barco em direção ao chão. A minha outra opção teria sido aterrar em cima do homem que estávamos a tentar salvar. Não caí muito longe. Embati no chão com o meu ombro desprotegido, que ia ficar ferido, mas consegui escapar quase ilesa.

Adam veio ao meu encontro.

— Estou bem — disse-lhe. — Vai ver como é que ele está.

Colocou as patas sobre o barco e olhou para o seu interior. Levantei-me ao mesmo tempo. Ou a perda de sangue ou o choque de ver um lobo enorme com dentes afiados finalmente levava o nosso homem, que sangrava da metade que lhe restava do pé direito, a perder a consciência.

Adam olhou para mim e depois para ele — após o que partiu repentinamente. Naquele breve olhar, disse-me para não sair dali enquanto ia à procura de ajuda. Numa situação de emergência, os lobos comunicam de forma muito mais clara do que os humanos.

Adam faria todo o percurso a correr, mas estávamos provavelmente a oito quilómetros ou mais do parque de campismo. Demoraria dez minutos a chegar, talvez outros dez a regressar à forma humana — na melhor das hipóteses. Não fazia ideia onde ficava o hospital mais próximo ou quanto tempo seria necessário para transportar o homem até lá. Adam trataria de saber.

Com o Sol posto, o ar estava fresco, o rio gélido, e tanto o homem ferido como eu estávamos molhados e cheios de frio. Mas, de momento, não havia nada que eu pudesse fazer em relação a isso.

Estiquei-lhe o corpo no barco e coloquei o seu pé maltratado na tábua transversal que servia de assento. Do ferimento apenas saía sangue em gotas, o que me pareceu estranho. Talvez o frio fosse útil, ainda que perigoso.

Estava com o pensamento dividido entre as vantagens de me transformar em coiote e arranjar uma forma de despir a sua t-shirt molhada e usá-la para lhe ligar o pé sem recurso a uma faca. Ambas as opções tinham altas probabilidades de serem inúteis ou algo pior... Até que ouvi o zunido de um motor vindo do rio.

Luzes percorreram a margem e detiveram-se no barco de cor branca onde me encontrava. Acenei com os braços para os chamar até à margem. Apercebi-me de vozes excitadas, mas não consegui entender o que estavam a dizer porque o barulho do motor abafava as palavras. Um barco pequeno, porém com muito melhor aspeto, mais moderno e equipado com luzes, aproximou-se de nós velozmente.

A ajuda tinha chegado. A menos que estes fossem os tipos que haviam cortado o pé ao homem. E eu completamente nua, apenas com as *dog tags* de Adam. Bom, não havia como evitá-lo; o meu pudor não valia a vida de um homem.

O barco ainda não tinha alcançado a margem quando três homens saltaram para o rio. Um deles agarrou a bolina, e assim que o fez, o quarto homem, que permanecera no barco, desligou o motor e saltou também.

As perguntas «Benny?» «Faith?» e «Quem é você?» deram gradualmente lugar aos nomes Hank e Fred Owens, Jim Alvin e Calvin Seeker — que me foram apresentados por Jim Alvin, seguramente o mais velho de todos, apesar de apenas Calvin poder ser considerado jovem.

Só depois de os irmãos Owens retirarem um kit de primeiros socorros e começarem a tratar do homem ferido é que me dei conta de que todos nós — a vítima, eu e os quatro homens no barco de salvamento — éramos índios.

Jim Alvin estava na casa dos sessenta e cheirava a fumo de madeira queimada e tabaco velho. Calvin estava algures entre o final da adolescência e os vinte e poucos. Hank e Fred teriam aproximadamente a minha idade, pensei, e uma semelhança física tal que pareciam gémeos, embora Hank não tivesse aberto a boca. Se não tivesse acabado de receber a de Adam, não sei se teria reparado nas *dog tags* deles. Mas teria certamente reparado que possuíam algum tipo de formação no auxílio em situações de emergência, a julgar pela eficiência dos seus movimentos e pela sua concentração assim que viram Benny Jamison.

Benny era o homem ferido.

Jim interrogou-me — num tom de voz suave e baixo — enquanto os irmãos Owens se empenhavam ao máximo para salvar Benny.

— Não se aperceberam da presença de mais alguém? — perguntou-me depois de eu lhe ter contado como é que Adam e eu tínhamos encontrado o barco, e como Adam regressara ao acampamento para pedir ajuda e me deixara a tomar conta do homem.

— Não. — Apertei com mais força o cobertor que me fora dado por eles.

Benny acordou pouco tempo depois de eles terem começado a ligar o seu pé. A julgar pelos barulhos, aquilo estava a doer.

Jim suspirou.

— A irmã do Benny, a Faith, saiu com ele para irem pescar. Deviam ter regressado a casa para o jantar. A Julie, a mulher do Benny, ao ver que este não atendia o telemóvel, telefonou ao Fred. Nós estávamos a conduzir o barco para a doca, mas os Jamisons são boa gente. Voltámos a lançar o barco à água e começámos à procura. De que tribo é que você disse que era?

Não tinha dito, apesar do facto de eles se terem apresentado dessa forma. Todos eles pertenciam à Nação Yakama (com três «a», apesar de o nome da cidade ser Yakima). Os irmãos Owens eram Yakama. Jim Alvin era Wishram e Yakama, à semelhança de Calvin Seeker. Eu não pensava em mim dessa forma. Era uma caminhante e uma mecânica, condições que serviam mais para me separar do que para me aproximar de outras pessoas. Era a companheira de Adam, o que me ligava a ele e ao bando.

Também estava com frio e cansada. Precisei de muito tempo para me lembrar.

— Blackfoot — disse, para logo a seguir me corrigir. — Blackfeet.

— Não sabe a qual delas pertence? — perguntou Calvin, falando pela primeira vez, embora estivesse a observar-me desde que tinham alcançado a margem. Quase me esquecera de que estava nua até ter visto a sua expressão momentos antes de me ter sido arremessado um cobertor de lã. Suponho que o desinteresse generalizado por uma questão de cortesia era pedir demasiado. No entanto, três em quatro não era mau.

— Nunca conheci o meu pai. A minha mãe é branca. Ele disse à minha mãe que era de Browning, Montana — expliquei-lhes. A lã estava a ser eficaz no propósito de aquecer a pele que cobria.

Estar nua mas embrulhada num cobertor entre estranhos não era algo que costumasse causar-me incómodo. Talvez se Calvin parasse de olhar para as diferentes partes de mim que o cobertor não tapava, eu não me sentisse incomodada. Naquelas circunstâncias, fiz o melhor que pude para manter Jim entre mim e Calvin.

— Então foi criada como uma branca — disse Calvin num tom de reprovação.

Devia ter-lhes dito que era hispânica e que quaisquer índios na minha genealogia eram sul-americanos e desconhecidos. Metade dos meus clientes pensava que eu era hispânica. Tinha a sensação de que se lhes tivesse dito que era hispânica, teria sido mais verdadeira do que fora ao dizer-lhes que era índia. Como se estivesse a reivindicar laços que não estavam ali.

— Browning, Montana, faz dele um Blackfeet — disse-me Jim simpaticamente. — Piegan. Os Kainai e os Siksika são Blackfoot.

Eu sabia isso. Apenas não o tinha dito.

— O que é que você estava a fazer por estas bandas? Não é um sítio

muito normal para se andar a esta hora da noite. — Jim não disse «nua». Não era necessário. — Rapaz — disse abruptamente a Calvin. — Não façás com que a tua mãe sinta vergonha do filho.

O rapaz comprimiu os lábios, mas desviou os olhos de mim. Uns anos antes o seu olhar não me teria incomodado como agora. No entanto, haviam sucedido coisas que agora me faziam sentir desconfortável quase nua diante de quatro desconhecidos — cinco, se incluísse Benny, o que não fiz.

— Casei recentemente — disse-lhe, lembrando o meu ser por de mais nervoso que Adam por esta altura já estaria de regresso. Se acontecesse alguma coisa, e não tinha qualquer razão para achar que pudesse acontecer, especialmente considerando que me tinham dado um cobertor para me tapar sem pronunciarem uma única palavra, Adam estaria aqui antes que algo muito mau acontecesse. Não ia cair no erro de presumir que todos os homens eram maus, mas se não fosse cautelosa, não seria humana. — Estávamos a nadar.

— Ainda bem para o Benny — comentou Jim. — Já passámos por aqui duas vezes. Só de manhã é que iríamos conseguir ver o barco debaixo das árvores. E de manhã teria sido tarde de mais para ele.

Fred (percebi que era ele porque vestia uma camisa de flanela vermelha, ao passo que o irmão vestia uma cinzenta) deixou Benny ao cuidado do irmão e aproximou-se.

Claramente estivera à escuta porque disse:

— Liguei para o 112, Jim, e eles já tinham recebido uma chamada do marido dela. Está uma ambulância a caminho. Disse à telefonista que podíamos levar o Benny até à estrada. Vai ser complicado. A estrada fica só a cerca de um quilómetro em linha reta, mas esta zona é terrível para se caminhar depressa no escuro. No entanto, eles teriam de percorrer o trajeto duas vezes, ao passo que nós só teríamos de o percorrer uma.

— E se o levássemos no barco? — sugeriu Calvin.

Fred abanou a cabeça.

— Talvez de barco o conseguíssemos levar ao hospital mais depressa, mas a ambulância tem pessoal médico a bordo. Vai ter assistência médica mais depressa, e o tempo é importante. Se ele ficar em choque, podemos perdê-lo... mas quando aquecer, aquele pé vai sangrar como uma fonte.

— Como tu e o Hank acharem melhor — disse Jim, que pareceu tomar a decisão em nome de todos.